

MATHEUS GESSER WOLFF

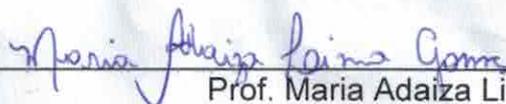
**MARGARET THATCHER E OS INTELLECTUAIS DO THE GUARDIAN: OLHARES
SOBRE O LEGADO DA PRIMEIRA-MINISTRA PARA A SOCIEDADE BRITÂNICA
E PARA O MUNDO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharelado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina.

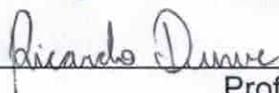
Florianópolis, 23 de novembro de 2017.



Professor e orientador Luciano Daudt da Rocha, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Prof. Maria Adaiza Lima Gomes, Ms.



Prof. Ricardo Duwe, Ms,



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

MATHEUS GESSER WOLFF

**MARGARET THATCHER E OS INTELLECTUAIS DO THE GUARDIAN: OLHARES
SOBRE O LEGADO DA PRIMEIRA-MINISTRA PARA A SOCIEDADE BRITÂNICA
E PARA O MUNDO**

Florianópolis

2017

MATHEUS GESSER WOLFF

**MARGARET THATCHER E OS INTELLECTUAIS DO THE GUARDIAN: OLHARES
SOBRE O LEGADO DA PRIMEIRA-MINISTRA PARA A SOCIEDADE BRITÂNICA
E PARA O MUNDO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade do Sul de
Santa Catarina como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharelado.

Orientador: Luciano Daudt da Rocha, Ms.

Florianópolis

2017

MATHEUS GESSER WOLFF

**MARGARET THATCHER E OS INTELLECTUAIS DO THE GUARDIAN: OLHARES
SOBRE O LEGADO DA PRIMEIRA-MINISTRA PARA A SOCIEDADE BRITÂNICA
E PARA O MUNDO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharelado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Florianópolis, 23 de novembro de 2017.

Professor e orientador Luciano Daudt da Rocha, Ms.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Maria Adaiza Lima Gomes, Ma.

Prof. Ricardo Duwe, Ms,

Dedico este trabalho aos meus avós, José Pedro e Maria Terezinha, juntamente a minha mãe Suziane, pois sem eles este trabalho e muitos dos meus sonhos não se realizariam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, responsável por tudo que acontece em minha vida, e não somente nestes anos como universitário, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Meus sinceros agradecimentos aos professores, em especial ao meu mestre, Professor Luciano Daudt da Rocha, responsável por inúmeros ensinamentos e auxílio na realização deste trabalho.

Agradeço também a meus avós, meus heróis, que sempre ficaram do meu lado me incentivando nas horas mais difíceis.

Agradeço ao amor da minha vida, minha mãe, exemplo que me inspira. Obrigado por nunca medir esforços para me proporcionar tudo que tenho e alcancei hoje.

Agradeço a minha irmã Luiza, por ter mudado minha vida por completo e sempre animar meu dia.

Agradeço a minha tia e madrinha Zulmara, por ser sempre presente e servir como exemplo profissional e de vida.

Meus agradecimentos aos amigos, companheiros de trabalho e irmãos na amizade que fizeram parte do meu processo de formação. Em especial a Bruno, Isabela, Julia Abdala, Loize, Mariana, Marina, Mayra, Thayse e Vitória que acompanharam essa trajetória mais de perto. Sem vocês essa jornada não seria possível.

Meu muito obrigado a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, auxiliando nesse projeto.

“Você provavelmente terá de entrar em uma batalha mais de uma vez para vencê-la” (Margaret Thatcher).

RESUMO

Esta monografia investiga o legado de Margaret Thatcher para as políticas em relação ao mundo do trabalho na sociedade britânica e no mundo a partir das análises dos intelectuais do periódico *The Guardian*. Para entender de forma mais precisa o governo da Primeira-Ministra e suas políticas para os trabalhadores, foi analisada a construção de seus referenciais teóricos: o Iluminismo e o Liberalismo, bem como o conflito do Estado de Bem-Estar versus o neoliberalismo se mostra nos modelos de produção. Com o objetivo de compreender a construção do neoliberalismo como projeto hegemônico global através dos governos britânicos e estadunidense dos anos 1980. A ascensão de Thatcher ao poder também foi analisada, bem como sua vida pré e pós inserção política, para entender seu posicionamento conservador e a vinculação das ideias e ações neoliberais implantadas em seu governo. Por fim, foi trazida à luz a greve dos mineiros de 1984 e sua repercussão no pós morte de Thatcher, através de opiniões de intelectuais do periódico *The Guardian*, com o propósito de entender a visão deles sobre a relação de Thatcher com os sindicatos e o mundo do trabalho deixaram marcas na atualidade. A pesquisa é caracterizada como básica e explicativa, com caráter qualitativo e o material utilizado foi bibliográfico e documental.

Palavras-chave: Margaret Thatcher, Neoliberalismo, Mundo do Trabalho, Imprensa, The Guardian.

ABSTRACT

This undergraduate thesis investigates the legacy of Margaret Thatcher to the policies regarding the world of work in British society and the world, from the analyzes of intellectuals of The Guardian. In order to understand more precisely the Prime Minister's government and its policies for workers, it was analyzed the construction of its theoretical references: the Enlightenment and Liberalism, as well as the conflict of the welfare state versus neoliberalism and how the aspects are shown in the production models. The characterization of the allied governments happened with the objective of understanding the construction of neoliberalism as a global hegemonic project through the British and American governments in the 1980s. Thatcher's rise to power was also analyzed, as well as her pre and post life of political insertion, in order to understand her conservative positioning and the linkage of neoliberal ideas and actions implemented in her government. Lastly, the 1984 miner's strike and its repercussion in the post-death of Thatcher was presented, through the opinion of intellectuals of The Guardian, with the purpose of understanding their view and how Thatcher's relationship with the labor unions and the world of work left marks in today's society. The research is characterized as basic and explanatory with qualitative character, the material used was bibliographic and documentary.

Key Words: Margaret Thatcher, Neoliberalism, World of Work, Press, The Guardian.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ILUMINISMO E AS ORIGENS DO LIBERALISMO	16
2.1 LIBERALISMO POLÍTICO E SEUS PENSADORES	16
2.2 LIBERALISMO ECONÔMICO COMO EXPANSÃO DO CAPITALISMO NO SÉCULO XIX.....	19
2.3 LIBERALISMO E ESTADO NO LIMAR DO SÉCULO XX.....	20
2.4 NEOLIBERALISMO: CONCEITO, IDEIAS E LUGAR NA HISTÓRIA	23
2.5 AS RELAÇÕES ENTRE O ESTADO E O MUNDO DO TRABALHO NO CAPITALISMO	25
3 EXPANSÃO NEOLIBERAL E SEUS PRECURSORES	30
3.1 O BEM-ESTAR DA SOCIEDADE EM DEBATE: A ASCENSÃO NEOLIBERAL	30
3.2 O NEOLIBERALISMO DOS ESTADOS UNIDOS: GOVERNO REAGAN	34
4 AS POLÍTICAS DE THATCHER PARA O MUNDO DO TRABALHO E AS INTERPRETAÇÕES DA IMPRENSA BRITÂNICA: OS INTELECTUAIS DO THE GUARDIAN	40
4.1 MARGARET THATCHER: ENTRE A MULHER E A CHEFE DE GOVERNO ...	40
4.2 DEBATENDO A PROBLEMÁTICA: A GREVE DOS MINEIROS DE 1984	43
4.3 THATCHER E A BATALHA DE ORGREAVE	45
4.4 O LEGADO DE MARGARET THATCHER PARA A SOCIEDADE BRITÂNICA E PARA O MUNDO	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Com a implementação do sistema neoliberal efetivado a partir do final dos anos oitenta, foi observado índices de desemprego em grande escala, repressão sindical, redistribuição de renda (em favor dos mais ricos) e a privatização de bens públicos. A fim de compreender o neoliberalismo e a importância que essa vertente ideológica teve no decorrer da história é crucial para analisar a transição pela qual o processo passou a fim de ter parâmetro dos efeitos causados e seus reflexos no cenário internacional. Silva (2009) aponta que as políticas neoliberais são orientadas por princípios que transmutam do liberalismo clássico e que sofrem algumas alterações com o passar do tempo. Ambas orientadas pelo enxugamento da ação estatal, competitividade, lucratividade, mão invisível e mercado livre. Dessa forma, é possível notar uma mudança significativa no sistema capitalista no final dos anos setenta.

Conforme Peciar (2009) afirma, o modo de produção capitalista sempre procurou aumentar os índices de produtividade e lucratividade na busca pela maior expansão do capital. Tal fato sempre levou a maior exploração possível da força de trabalho. O modo de produção fordista-taylorista se mostrou, ao longo do século XX, como uma das formas mais eficientes para as empresas no aspecto competitivo. Esse cenário começa a mudar no final da década de 70. A Terceira Revolução Industrial afeta estruturalmente a sociedade, impondo um modelo de relações econômicas e sociais distinto, no contexto do neoliberalismo. De acordo com Caruccio (2009), as políticas neoliberais começaram a ser implementadas efetivamente no Reino Unido, com a ascensão de Margaret Thatcher em 1979 e nos Estados Unidos com a eleição de Ronald Reagan, em 1980. A partir desse momento o mundo começou a ver o neoliberalismo com outros olhos, pois agora, dois grandes centros estavam adotando-o em seu plano de governo.

Em complemento a isso, Moraes (2013) pontua que Thatcher foi de fato uma figura de extrema influência para os ambientes doméstico e externo do governo inglês. Ficando conhecida por ser extremamente inflexível e radical; razão de ter sido apelidada de “dama de ferro”. Sua grande influência na luta contra os sindicatos perdurou anos após sua morte espalhando-se por diversas economias, inclusive no Brasil, esse movimento que designa os ideais conservadores adotadas no seu período de governo ficou conhecido como “thatcherismo” e talvez seja seu maior legado. A

pergunta de pesquisa levantada foi: Como o legado de Margaret Thatcher foi analisado pelo jornal *The Guardian*?

Para responder à pergunta de pesquisa, traçamos como objetivo geral desse estudo debater a interpretação da imprensa britânica sobre o legado de Margaret Thatcher como difusora do neoliberalismo, em especial relacionado às políticas para o mundo do trabalho.

Já para os objetivos específicos temos: Compreensão da construção do neoliberalismo como projeto hegemônico global; compreender a ascensão de Thatcher ao governo inglês e a vinculação de seu governo aos ideais neoliberais, dando especial destaque ao setor trabalhista; analisar o debate entre o neoliberalismo de Thatcher e o setor trabalhista no Reino Unido; conhecer o discurso da imprensa britânica, através do jornal de *The Guardian*, acerca da relação de Thatcher com o mundo do trabalho.

A incessante busca pelo conhecimento histórico e seus reflexos na atual conjuntura política instigaram a reflexão e o aprofundamento desse estudo. As medidas neoliberais que foram adotadas pelos governos britânico e americano causam grande impacto, inclusive, nos dias de hoje. O legado do Thatcherismo pode ser claramente visto no governo Temer, por exemplo, que mostra com clareza a agenda neoliberal implantada na América Latina, tendo algumas medidas como: reforma de regime fiscal, reforma previdenciária, privatização e a diminuição do papel estatal. A expansão neoliberal traz discussões sobre eficácia na aplicação governamental e o impacto que causa nas classes sociais, e, portanto, em função da sua relevância tem sido objeto de profundos debates entre pesquisadores. Durante um longo mandato, a figura de Margaret Thatcher como líder de Estado e implementadora do regime neoliberal sofreu uma série de eventos controversos, dentre eles encontramos a histórica rixa com o partido trabalhista, a privatização das empresas estatais e o caso das Ilhas Malvinas. Seu jeito de governar, mundialmente conhecido, tem servido como base de algumas economias e para o entendimento do âmbito estatal frente à crises e desafios econômicos. A escolha para análise da figura que instigou admiração e antipatia por todo mundo se deve ao fato de um governo conservador, comandado pela primeira e única primeira-ministra britânica mulher até hoje, se manter onze anos e três mandatos consecutivos no poder e por essa razão se torna um evento a ser examinado.

No processo de produção monográfica a definição clara dos procedimentos metodológicos é de suma importância para se ater e caracterizar o tipo de pesquisa, abordagem, tratamento dos objetivos e processos técnicos. A precisa definição desses elementos serve de guia para cumprir os objetivos propostos no trabalho e a forma que os mesmos serão abordados. Gerhardt e Silveira (2009) salientam a importância em diferenciar metodologia de métodos. A metodologia valida a direção escolhida para se chegar ao fim proposto pela pesquisa, dessa forma não se deve confundir metodologia com o conteúdo nem com os procedimentos. Assim, metodologia vai além da descrição dos procedimentos, mostrando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto estudado. Ressalta-se que: “[...] metodologia é assunto de todos os cientistas sociais, em vez de ser uma área especial de conhecimento esotérico dominada somente por poucos especialistas” (BECKER, 1999, p.9 apud LEAL, 2011, p.38).

Essa pesquisa pode ser classificada, de acordo com sua aplicabilidade como básica. Porém, antes de classificar o tipo de pesquisa empregada neste objeto de estudo devemos atribuir o significado da palavra pesquisa em si:

Pesquisar origina-se do verbo perquirir, do latim, que significa procurar, fazer uma busca diligente, examinar, inquirir, indagar. Pesquisar é, portanto, fazer uma busca cuidadosa, criteriosa, de algo; no caso da pesquisa científica, trata-se da busca exaustiva, metódica, de resposta a uma pergunta ou questão, a fim de preencher uma lacuna de conhecimento (CRESWELL, 2007, p.13).

A Pesquisa Básica é enquadrada nesse trabalho devido ao fato de englobar informações de fatos já ocorridos, mixando fatores e ou resultados recentes para gerar novas discussões e análises sobre o assunto. Gerhardt e Silveira (2009) caracterizam a pesquisa básica como forma de gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço científico. Envolvendo verdades e interesses universais sem aplicação prática prevista. A pesquisa básica, também chamada de pura, pode ser caracterizada como:

[...] básica ou fundamental, tem por objeto a problemática teórica e/ou conceitual de um determinado campo/área de conhecimento; dedica-se ao exame de teorias e conceitos, com vistas à reconstrução de teorias, estruturação de sistemas e modelos teóricos e geração de novas hipóteses (LEAL, 2011, p.35).

A pesquisa básica busca gerar novos conhecimentos úteis para o avanço da ciência, geralmente sem aplicação prática, envolvendo verdades e interesses universais, conforme Silva e Menezes (2005) apontam. Outra atribuição da pesquisa básica pode ser definida como:

[...] tem por objeto a problemática teórica e/ou conceitual de um determinado campo/área de conhecimento; dedica-se ao exame de teorias e conceitos, com vistas à reconstrução de teorias, estruturação de sistemas e modelos teóricos e geração de novas hipóteses (LEAL, 2011, p.35).

Os acontecimentos do processo de formação neoliberal refletem em diversos governos, inclusive o nosso, durante os anos. Portanto a pesquisa básica é empregada para criar debates necessários no entendimento da formação histórica do atual Cenário Internacional, por exemplo. Essa pesquisa pode ser classificada, quanto a sua abordagem como qualitativa. Segundo Creswell (2007), a caracterização dos procedimentos engloba o emprego do conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados. Os procedimentos qualitativos têm como base dados de texto e imagem e possuem passos únicos na análise de dados utilizando diversas estratégias de investigação.

Na visão de Silva e Menezes (2001), na pesquisa qualitativa a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fatores básicos do processo. Nele, o ambiente natural é a fonte de coleta de dados e o pesquisador como instrumento-chave. Nesse tipo de pesquisa o pesquisador atribui aos dados encontrados uma opinião pessoal por ela ser essencialmente interpretativa. Salienta-se ainda que o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal, situada em um momento sociopolítico e histórico específico, não sendo possível evitar as interpretações pessoais na análise de dados qualitativos. Ainda se atribui aos pesquisadores qualitativos a seguinte afirmação:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32).

Portanto, a análise qualitativa possui intrínseca a visão do autor sobre determinado assunto e geralmente um estudo amplo dos acontecimentos. No objeto estudado, por exemplo, trataremos da importância de Margaret Thatcher para a expansão do projeto neoliberal, dando enfoque para o mundo do trabalho e sua relação com impactos causados dessa relação conflituosa. Essa pesquisa pode ser classificada como explicativa quanto a seus objetivos. Da mesma forma da Pesquisa Básica, a Pesquisa Explicativa também visa fatores analíticos com fins de identificar suas contribuições para fenômenos ocorridos, conforme ressaltado a seguir:

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade,

porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente (GIL, 2008, p.28).

Leal (2011) descreve os fatores que compõem a pesquisa explicativa, dentre eles estão: explicar a razão dos fenômenos, tornar inteligíveis e justificar seus motivos, identificar fatores que contribuem para sua ocorrência e como esses fatores estão associados entre si, compreender a natureza de um fenômeno social e aprofundar o conhecimento da realidade. Também se caracteriza por ter:

[...] como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas (GIL, 2008, p.28).

De acordo com o autor, por essa razão esse tipo de pesquisa se torna arriscada; pois, ao mesmo tempo é mais complexa e delicada que outras pesquisas, tendo assim, a chance de cometer erros aumentada consideravelmente.

Essa pesquisa pode ser classificada de cunho bibliográfico e documental quanto aos seus procedimentos. Segundo Leal (2011), a Pesquisa Bibliográfica é o estudo feito a partir do material publicado em livros e artigos científicos. Esse tipo de pesquisa faz parte de toda e qualquer pesquisa, tanto nos primeiros passos até seu término. Pode se caracterizar a Pesquisa Bibliográfica como:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 2008, p.50).

Gil (2008), atribui a pesquisa documental uma semelhança muito grande à pesquisa bibliográfica. Segundo o autor, a única diferença entre elas se encontra na origem de suas fontes. A pesquisa bibliográfica utiliza da contribuição de diversos autores sobre determinado assunto, já a pesquisa documental orienta-se através de materiais que não receberam tratamento analítico e, portanto, podem assim serem reformulados de acordo com os objetivos estudados. A pesquisa documental pode ser representada como:

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram

analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc (GIL, 2008, p.51).

Ao decorrer deste trabalho foram utilizadas obras de diversos autores que são referência nas áreas de história e ciência política. Quanto aos documentos, jornais de grande impacto, em especial o The Guardian, foram analisados de forma a entender a relação da Primeira-Ministra com os sindicatos e os acontecimentos de sua gestão. Leal (2011) atribui a Pesquisa Bibliográfica como o estudo desenvolvido a partir de material publicado em livros e artigos científicos. Essa pesquisa faz parte de toda e qualquer pesquisa, tanto nas etapas iniciais como ao longo de seu desenvolvimento.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 2008, p.50).

Segundo Pádua, a pesquisa documental é realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos, utilizados na investigação histórica e que possuem fins de descrever e comparar fatos sociais visando estabelecer suas características ou tendências [...] (1997 apud PIANA, 2009, p.122).

Esta monografia compõe-se de 5 capítulos. No primeiro, apresentei o tema e pergunta de pesquisa, objetivos, justificativa e procedimentos metodológicos. No capítulo a seguir, abordo as origens do liberalismo, a transição e as mudanças que ocorreram para, posteriormente, chegar a vertente que estudaremos com mais profundidade: o neoliberalismo. No capítulo seguinte, debatarei a relação do Estado-de-Estar com o Neoliberalismo passando pela importância dos modelos de trabalho. Logo após, feita a análise da ascensão de Thatcher ao poder e sua proximidade com os ideais neoliberais, juntamente com seu aliado e presidente estadunidense, Ronald Reagan. Durante esse processo abordarei a relação de Thatcher com o Mundo do Trabalho. Por fim, caracterizei o discurso da imprensa (pós morte) acerca dos eventos da gestão Thatcher e o legado deixado.

2 O ILUMINISMO E AS ORIGENS DO LIBERALISMO

De forma a entender a criação e expansão do modelo neoliberal é necessário relacionar as mudanças que seu modelo antecessor (liberalismo) sofreu, bem como conhecer a origem do mesmo. Na vertente Iluminista surge a ideia do humanocentrismo e, através dela, o afloramento e a disseminação da corrente liberal durante os séculos XVIII e XIX. A fim de explicar os respectivos processos é importante expor as ideias de renomados estudiosos para posteriormente compreender as transformações ocorridas.

2.1 LIBERALISMO POLÍTICO E SEUS PENSADORES

Para Eric J. Hobsbawm (2015) o Iluminismo teve como fundamento a crença no progresso, o crescimento notável do conhecimento, na riqueza, na técnica e no bem-estar da civilização. A sociedade via em sua volta um crescente avanço de suas ideias executando assim o principal objetivo dessa vertente teórica: a libertação dos seres humanos através do enaltecimento de todas as ideologias humanistas, racionalistas e progressistas que fazem parte dela.

O Iluminismo como o movimento que quebrou os paradigmas há muito estabelecidos pode ser definido da seguinte forma:

Essa mudança subjetiva surgiria com a ideia de progresso, de ruptura com o passado – tratado brevemente na introdução. E, em geral, se encontraria associada com algum evento significativo tomado como um marco histórico – neste caso, a Revolução Francesa. Estaria por um lado, o prognóstico do racionalismo e, do outro, a filosofia da história. Assim, estes conceitos surgiram em antagonia às antigas profecias, onde os homens poderiam ser os senhores de seu próprio destino e conhecedor das leis naturais – física e humana (MELLO; DONATO, 2011, p. 251).

Dal Ri Junior e Castro (2008) apontam que o absolutismo monárquico teve sua consolidação na França durante a segunda metade do século XVII, em um processo iniciado com o governo de Richelieu e relativamente estabilizado com Luís XIV. O discurso iluminista francês iria continuar criticando a nobreza. E tal fato, juntamente com falta de sensibilidade e ou inaptidão da coroa francesa de atender certas exigências fez com que o Iluminismo francês fosse perdendo a sua fé no absolutismo e começasse a trilhar caminhos de valores liberais. Em adição, Mello e Donato (2011) observam que o pensamento iluminista possui como principais diretrizes a crença na razão e compreensão da natureza humana bem como suas

circunstâncias. Assim, pontuam que o Iluminismo teve sua primeira forma teórica no final do século XVII com o inglês John Locke. Por ser considerado um dos precursores do Iluminismo, Locke tornou-se amplamente afamado, contribuindo fortemente para a corrente teórica. Uma das principais atribuições ao Iluminismo deve-se ao fato que:

O pensador político é prezado como o pai do liberalismo por sustentar que todo governo surge de um pacto ou contrato revogável entre indivíduos, com o propósito de proteger a vida, a liberdade e a propriedade das pessoas, tendo os signatários o direito de retirar sua confiança no governante e se rebelar quando este não cumprir com sua função (VARNAGY, 2006, p. 46).

Segundo Pecequilo (2004), Locke caracteriza a essência humana como boa, sendo as tensões e desvios ocasionados corrigidos através de leis que não interferem na liberdade do indivíduo. O homem livre é naturalmente direcionado a executar seu trabalho, buscar riquezas e propriedades dentro das oportunidades oferecidas. Em síntese, Locke acredita que o homem deve buscar alcançar tudo ao seu alcance, respeitando o espaço comum e as leis, porém caso questione a serventia de seus governantes o mesmo pode e deve cobrar funcionalidade dos mesmos. Já Châtelet, Duhamel e Pisier-Kouchner (1985) ressaltam que além de Locke outro grande filósofo político francês foi Montesquieu. Exercendo grande influência sobre as assembleias constituintes francesas e a corrente iluminista, o filósofo ficou conhecido por induzir uma classificação dos regimes políticos no qual consistia na separação dos três poderes. Sobre o filósofo acrescenta-se que:

Para alguns, Montesquieu [...] toma resolutamente partido pelo liberalismo; para outros, o barão de La Brede tornou-se objeto de uma recuperação revolucionária por causa de um mal-entendido: destinado a preservar os privilégios da nobreza, sua teoria política e jurídica foi desviada de seu significado a fim de ser posta a serviço da "causa do povo", ou, pelo menos, do Terceiro Estado burguês (CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER-KOUCHNER, 1985, p.61).

Ainda na visão dos autores, Montesquieu além de pregar a divisão dos três poderes para fins de reduzir o abuso de poder, defendia também o sistema do acordo mútuo das potências. Mas o abuso do poder não tem significação jurídica, mas sim a ideia de exercer de modo unilateral de forma exagerada. Rousseau, outro propagador do sistema liberal, sinaliza o real cenário que os indivíduos se encontravam:

Rousseau não diz de modo algum que é preciso reencontrar uma natureza perdida; não propõe nenhuma "fuga para trás" e não cede a nenhuma nostalgia de paraísos perdidos: já que "a natureza não retroage", é preciso encontrar os princípios de direito político de uma comunidade verdadeira, na qual a tensão entre o individual e o coletivo resolva-se na equação entre o poder e a liberdade (CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER-KOUCHNER, 1985, p.67).

Pecequillo (2004) sustenta que o liberalismo vai servir de pilar para o avanço da sociedade humana coexistindo com um Estado que estabelece as relações humanas através de um pacto coletivo que permite a realização do progresso e o alcance da razão humana. Assenta-se então que o Iluminismo e o liberalismo estão diretamente interligados em suas essências e em complemento um ao outro. Portanto, em suma diz-se que:

Se há uma idéia associada ao mundo moderno, é a noção de progresso. Isso não quer dizer que todos acreditaram e acreditam no progresso. No grande debate público entre conservadores e liberais - que em parte precedeu, mas, mais especificamente, seguiu-se à Revolução Francesa -, a essência da posição conservadora estava em duvidar que as mudanças em curso na Europa e no mundo pudessem ser consideradas progresso, ou mesmo se progresso era de fato um conceito significativo. Como sabemos, foram os liberais que anunciaram a nova era e encarnaram o que seria chamado, no século XIX, de ideologia dominante da longa economia mundial capitalista (WALLERSTEIN, 2001, p.82).

Destacam-se duas fases que marcam o alastramento e a conquista do globo pelo imperialismo liberal que posteriormente seria a ideologia mais interessante para implementação do modelo capitalista:

Na primeira as potências capitalistas europeias impuseram o livre-comércio para fora de suas fronteiras num leque que se abriu do tratado anglo-brasileiro de 1810 para a América Latina à época da independência, passando pelo tratado anglo-otomano de 1838, até a abertura da China na década de 1840 e do Japão na de 1850. Na segunda fase, os países industrializados, à exceção dos Estados Unidos, introduziram o livre-comércio nas transações para dentro de suas fronteiras, desde a abolição das tarifas protecionistas inglesas, a partir de 1842, passando pelo tratado anglo-francês de 1860 e estendendo-se aos outros países centrais (SARAIVA, 2007, p.62).

Castro (2012) relata a forma que o Realismo voltava sua visão para a centralidade Estatal, já a corrente liberal não leva em conta tamanha importância do Leviatã, entretanto, analisa outras forças encontradas dentro e fora da conjuntura estatal que possuem extrema relevância. Essencialmente a corrente liberal pode ser caracterizada como:

Uma doutrina que prega a necessidade de desregulamentar e privatizar as atividades econômicas, reduzindo o Estado a funções bastante definidas. Estas funções constituem apenas parâmetros bastante gerais para as atividades livres dos agentes econômicos. São três, basicamente: a manutenção da segurança interna e externa, a garantia dos contratos e a responsabilidade por serviços essenciais de utilidade pública (MORAES, 1997, p.2).

2.2 LIBERALISMO ECONÔMICO COMO EXPANSÃO DO CAPITALISMO NO SÉCULO XIX

Tanto o Iluminismo como o liberalismo serviram de ponte para o projeto de expansão capitalista que teve como corpo o liberalismo econômico. O liberalismo econômico nasceu na Revolução Industrial e nele foram ditados os moldes que as grandes nações impuseram as nações consideradas menos desenvolvidas como projeto de mundialização do capitalismo. Consoante a afirmação a seguir essa foi a principal motivação da política internacional dos europeus para fora da Europa no século XIX:

As relações internacionais do século XIX serão examinadas à luz de princípios e práticas cimentados pela cultura comum dos europeus e à luz do impacto provocado por seu encontro com o resto do mundo. Esse procedimento tem por base uma hipótese: a Europa do século XIX progrediu em todos os planos tendo o denominado Concerto Europeu como sua própria e específica organização de Estados, com princípios e práticas de política exterior pressionados por uma rede de interesses econômicos, políticos e estratégicos, com grande unidade cultural, sobretudo quando se tratou da expansão para fora dela mesma (SARAIVA, 2007 p.46).

Châtelet Duhamel e Pisier-Kouchner (1985) demonstram através do pensamento de Adam Smith que reflexões econômicas resultam de consequências políticas completamente diversas. Smith ainda caracteriza a forma de medir a riqueza de uma nação da seguinte forma:

A razão consiste no fato de que sua investigação sobre a atividade produtiva se funda num exame empírico realizado de modo inteiramente diferente: enquanto os fisiocratas se contentam em pôr o problema econômico apenas do ponto de vista da produção de bens de subsistência - e, por isso, desqualificam a atividade manufatureira, que transforma sem nada criar -, Adam Smith toma como ponto de partida a divisão do trabalho e a troca. Nessa ótica, a riqueza de uma nação é medida pela massa de bens que são nela produzidos, trocados e capazes de ser exportados (CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER-KOUCHNER, 1985, p.69).

Na visão dos autores um governo não deve intervir de forma alguma na ordem econômica e sim proteger a propriedade bem como o capital, fazer com que reine harmonia em um ambiente que o ser livre obtém atividade laboriosa garantindo e regulando a aplicação dos contratos privados e assegurando que os mesmos possam desenvolver suas capacidades comerciais. O autor conclui ainda que por volta da década de 1860, a construção do mundo liberal estava efetivada, pondo assim, fim a fase mercantilista primitiva da economia em vigência.

A Inglaterra além de questões expansionistas trabalhou com a expansão industrial em escala mundial, porém visando sempre favorecer seu mercado interno, conforme se observa:

[...] de ter partido na frente na corrida industrial e ter imposto uma ordem mundial livre cambista, permitiu à Inglaterra impor uma nova divisão internacional do trabalho, baseada em praticamente um único país exportador de manufaturas em larga escala (Inglaterra) e o resto do mundo importador dessas manufaturas e exportador de matérias-primas para serem transformadas em novas manufaturas pela indústria britânica (BANDERA, 2014, p.14).

2.3 LIBERALISMO E ESTADO NO LIMIAR DO SÉCULO XX

O reinado do liberalismo durou até o início do século XX. As mudanças trazidas sobre as relações entre Estado e a economia, principalmente causadas pela Revolução Industrial e a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, impactaram por vezes a maneira e grau de atuação estatal em governos de cunho liberal.

Fatores esses, fizeram com que a doutrina liberal entrasse em declínio, conforme ressaltado:

Devido às imperfeições do liberalismo, associadas à incapacidade de autorregulação dos mercados, necessária se fez uma remodelação do papel do Estado diante dos interesses de mercado. O fator decisivo para tanto deu-se em 1929, com a queda da Bolsa de Nova York e o início da chamada Grande Depressão. O Estado foi forçado a retomar a responsabilidade pela movimentação da economia, controlar a moeda e o crédito, amplamente abalados pela depressão, aplicar uma política tributária baixa, sem deixar de prover a justiça e a segurança. Inicia-se, então, uma nova fase: o Estado como regulador do poder econômico (ARDENGHI, SILVA e BURMANN, p.257, 2014).

Oliveira, Maia e Mariano (2008) relatam que a criação de Bretton Woods no período entreguerras foi caracterizado por bruscas flutuações cambiais derivadas do excesso de emissão monetária e aumento do uso de políticas protecionistas. A desordem que se encontrava o sistema monetário demandava uma estrutura monetária internacional que fosse capaz de amenizar os objetivos conflitantes de política econômica e receber o deslocamento do centro hegemônico mundial, da Inglaterra para os Estados Unidos para estruturar um novo padrão monetário internacional. Duas principais figuras lideraram as negociações de Bretton Woods representando os dois grandes centros:

[...] Harry White, Secretário Assistente do Tesouro norte-americano, presidente da Comissão I, que discutia o fundo monetário, e John Keynes, assessor do Tesouro Britânico e Diretor do Banco da Inglaterra, colocado à frente da Comissão II, encarregada de preparar a criação do banco multilateral. [...] ambos traziam, na ampla bagagem intelectual com que

desembarcaram na estação de trem de Bretton Woods, fantasmas comuns a muitos dos participantes da conferência: o impacto das alternativas de organização econômica oferecidas pelo fascismo e pelo comunismo; os erros de política econômica do entreguerras; as mudanças da gestão econômica trazidas pelo combate à grande Depressão e pelo esforço de guerra (COZENDEY, 2013, p.19).

O autor menciona a defesa de Keynes frente aos mercados. Segundo ele, o mercado não leva automaticamente ao emprego e que o Estado tivesse um papel ativo no alastramento da demanda. O Estado de Bem-Estar Keynesiano, como ficou conhecido, foi marcado por algumas características:

A partir da Segunda Guerra, já se configura, de forma concreta, a vigência de um novo modo de regulação, o monopolista, cujos traços institucionais hegemônicos são: (1ª) salários definidos por contratos que incluem, além do valor recebido diretamente, um montante repassado indiretamente aos trabalhadores, via benefícios sociais, e ainda pela vinculação de seus salários aos preços e à produtividade (relação salarial fordista); (2ª) centralização do capital por grupos industriais e financeiros internacionais, possibilitando o controle dos preços que deixam de ser afetados pelas variações conjunturais; (3ª) institucionalização de vários mecanismos de crédito para possibilitar as transações monetárias; (4ª) interferência crescente do aparelho do Estado na vida da sociedade, como consequência da proposta econômica de Keynes que, objetivando encontrar uma alternativa orgânica para a superação dos malefícios das fases depressivas anteriores, acaba por prover o substrato teórico e ideológico para o crescimento do papel do Estado no âmbito do capitalismo (Estado de Bem- Estar Keynesiano ou Welfare State) (ROSA, p.5, 2015).

Cozendey (2013) relata que os ingleses entraram nas negociações infelizes pois queriam negociar em particular com os norte-americanos seus impasses. Observa-se que no término da guerra a nação americana era responsável por mais de um terço do PIB mundial e mais de um quinto das exportações globais. Então, os EUA como país credor em relação ao mundo e o Reino Unido saindo da guerra como um país devedor serviria de cenário para as negociações seguintes. Fizeram parte do Sistema de Bretton Woods dois importantes regimes de cerne comercial e monetário estabelecidos no GATT e no FMI que sustentaram a estrutura econômica pós Segunda Guerra e visavam criar condições sólidas para o progresso do comércio internacional. Sobre o GATT, ainda se acrescenta que:

O GATT era a rigor um acordo provisório, a antecipação da vigência de capítulos do que deveria ser a carta constitutiva da Organização Internacional do Comércio, para permitir avançar nas negociações comerciais multilaterais de reduções tarifárias enquanto prosseguia a negociação. [...] na prática, sob a base deste acordo provisório, passou a funcionar uma organização internacional de facto que presidiu a enorme expansão do comércio mundial na segunda metade do século XX. Enquanto o FMI era [...] a desfragmentação dos regimes de pagamentos internacionais e sua estabilidade eram os elementos básicos para a retomada do comércio internacional, o GATT era [...] a redução das barreiras ao comércio introduzidas pelos Estados, expressas em controles quantitativos e tarifas, é

que permitiria uma expansão da prosperidade baseada na expansão do comércio. [...] ambos os regimes, de toda forma, buscavam eliminar a fragmentação internacional, buscando disciplinas não discriminatórias que desfizessem, por um lado, os sistemas de pagamentos bilaterais e as áreas monetárias de base colonial, por outro as preferências comerciais entre potências imperialistas e suas colônias (COZENDEY, 2013, p.15;16).

Bandera (2014) caracteriza Bretton Woods como um sistema regido e comandado pelos Estados Unidos, tendo como principal parceiro a Grã-Bretanha e a adesão dos demais Estados de forma subalterna e pouco ativa. Os Estados com menor participação tinham a necessidade de estar sob a proteção desse novo Sistema Monetário Internacional para sua sobrevivência no campo das trocas internacionais por divisas. A medida que os Estados Unidos tiveram enfraquecida a sua hegemonia no campo econômico:

Esse é o cenário no qual se instala e se difunde a crise de expansão do poder hegemônico norte-americano pelo mundo, verificada em vários níveis, principalmente econômico. Sua economia entrava na década de 1970 marcada por um duplo déficit, orçamentário e comercial, que impunha restrições à expansão do seu poder pelo mundo capitalista (SANTOS, 2006, p.40)

O Sistema Monetário Internacional de Bretton Woods passou a entrar em declínio, resultando em sua extinção em 1971, quando os Estados Unidos decidiram de forma unilateral acabar com a conversibilidade do dólar em ouro. O autor expõe uma das principais razões para a criação do Bretton Woods em seu artigo Construção da ordem internacional capitalista do Pós-II Guerra:

Diante dessa conjuntura do imediato pós 2º Guerra Mundial, na qual Estados Unidos e União Soviética lutavam para dividir o mundo em duas zonas de influência, o primeiro país se sentia impelido a não voltar à sua tradição isolacionista, ao seu imperialismo basicamente latino-americano, baseado na Doutrina Monroe. Fazia-se mister, do ponto de vista realista, espargir esse imperialismo até onde fosse possível, guardados os limites de sua rivalidade com a URSS, sob o risco de perder aliados potenciais para a influência soviética. Além disso, era necessário exportar o seu elevado excedente de manufaturas e de capitais. Dentro desse espírito de rivalidade ideológica e da grande oportunidade econômico financeira de maximizar seu desenvolvimento e sua liderança mundial, os Estados Unidos deliberaram por praticar um capitalismo internacional ao invés do capitalismo nacional que lhes era contumaz e que os levaram à condição de potência- líder do planeta. Dessa opção surgiria, sob a liderança estadunidense, o novo Sistema Monetário Internacional (BANDERA, 2014, p.15).

O acordo, ainda de acordo Bandera (2014), serviu para ajudar as potências capitalistas mais afetadas pela guerra. Portanto, Bretton Woods teve um papel fundamental para suprir e regular a ordem econômica e financeira capitalista do pós-guerra, mas não foi suficiente para manter tal ordem em funcionamento a partir do momento em que ela alcançou um estágio e um ritmo de competição menos desigual

por divisas do que quando de seu início. Após a crise do petróleo em meados da década de oitenta o papel do Estado começa a ser questionado por meio de discursos com posicionamento de desregularização. Assim, surge um novo período para os ideais liberais:

Surge uma nova fase: o neoliberalismo, caracterizado pelo combate à política intervencionista do Estado de Bem-Estar Social, mediante uma política intervencionista mínima no que tange aos direitos sociais e trabalhistas. O Estado tornou-se agente passivo em relação à lei de mercado e ao lucro capitalista. Mundialmente, o neoliberalismo ganhou terreno a partir dos governos Thatcher e Reagan. Com a globalização surgiram as empresas multinacionais e a modernização tecnológica dos meios de produção e telecomunicação. Isso ocasionou o enfraquecimento do Estado de Bem-Estar Social, com a desestatização da economia, o aumento das privatizações, das concessões, das permissões dos serviços públicos, e, simultaneamente, as supressões dos direitos trabalhistas (flexibilização) (ARDENGHI, SILVA e BURMANN, 2014, p.259).

Ardenghi, Silva e Burmann (2014) ressaltam que o processo de globalização impactou profundamente os sistemas produtivo e financeiro, assim, enfraquecendo o intervencionismo estatal sobre os fluxos internacionais. Também ocasionou um alto número de desempregados, exclusão social e insegurança frente a investimentos empresariais. Os autores pontuam também o efeito que a política liberal gerou no âmbito mundializado marcada principalmente pela injeção de capital estrangeiro e o não intervencionismo estatal. Tais fatos proporcionaram um salto na industrialização e na economia. Em suma, coube ao Estado servir como provedor da justiça e auxiliar no desenvolvimento respeitando o princípio da livre concorrência.

2.4 NEOLIBERALISMO: CONCEITO, IDEIAS E LUGAR NA HISTÓRIA

A definição da política neoliberal, bem como a importância que a mesma teve deve ser aprofundada para que se possa entender os reflexos do neoliberalismo através de sua vigência. Segundo Moraes (1997) a expressão neoliberalismo remete a duas coisas distintas. A primeira se refere ao prefixo “neo” que tem origem do grego e significa algo novo. Outra vem de sua forma antecessora, o liberalismo clássico, dos séculos XVIII e XIX. O Estado neoliberal pode ser definido como:

[...] a forma de Estado político que se surge com a mundialização do capital. É o elemento político constitutivo da lógica da precarização do trabalho que hoje se impõe à reprodutibilidade capitalista. O neoliberalismo não é apenas uma forma de governo, mas uma forma de Estado político. Por isso é que, entra governo e sai governo, a dinâmica neoliberal continua se impondo. A constituição da precariedade e o processo de precarização do trabalho é reflexo da nova estatalidade

política neoliberal que surge com o capitalismo global (ALVES, 2007, p.150).

Segundo Anderson (2015) as ideias liberais foram um projeto pós-Guerra que foram alterados com o surgimento da Guerra Fria. Entra então o neoliberalismo com a desregulamentação dos mercados financeiros internacionais e a abertura das economias fechadas. Assim, os Estados Unidos puderam disseminar e aplicar a pressão nos Estados vizinhos para aplicação de práticas neoliberais que correspondiam aos padrões americanos no momento. O cenário internacional era um campo de incertezas, o pós-Guerra-Fria ainda gerava grande impacto econômico e o livre mercado ainda não tinha sua forma total entre os Estados:

O comunismo estava morto, mas o capitalismo ainda não havia encontrado sua forma final, com um cenário planetário universal sob um líder supremo único. O livre mercado ainda não era um mercado mundial. A democracia não era invariavelmente segura. Na hierarquia dos Estados, as nações nem sempre sabiam que lugar lhes cabia. Havia também os detritos da Guerra Fria a serem tirados do caminho, onde ela havia deixado relíquias de um passado desacreditado (ANDERSON, 2015, p.73).

Rocha (2006) enfatiza que o cenário internacional passava por uma fase em que de forma a obtenção de êxito, principalmente em projetos capitalistas, era necessário difundir o neoliberalismo no plano político e a reestruturação produtiva no modo econômico, mas também implantar fortemente o plano ideológico, no caso o capitalismo. Um determinado projeto passaria de dominante a hegemônico quando conseguisse ser legitimado. Além disso observa-se o efeito que a adoção do projeto neoliberal traz às pequenas empresas justamente devido a liberalização das barreiras nacionais que ocasionaram maior importação bem como implementação de empresas transnacionais:

Com a finalidade de acompanhar bem como facilitar a expansão do poder das grandes corporações transnacionais, as ideias neoliberais influenciaram o reordenamento das estruturas dos Estados, o que fez estender a atuação do capital internacional. As privatizações, a nova regulamentação da economia e a liberalização das importações, ações dos Estados que adotaram a política neoliberal, têm como meta a expansão dos mercados de atuação de grupos privados oriundos dos países centrais. Esta situação acabou por enfraquecer o poder das empresas locais, em uma competição desigual (ROCHA, p.21, 2006).

O autor ainda sinaliza a importância que o neoliberalismo atribui a otimização do Estado, tendo a ideologia neoliberal colocado o setor social em uma nova posição, pois o mesmo ocuparia muito espaço dentro da conjuntura vigente. Além disso os campos político, econômico e ideológico ganham nova roupagem, conforme atribui Gentili (1998): “O neoliberalismo deve ser compreendido como um

projeto de classe que orienta, ao mesmo tempo e de forma articulada, um conjunto de reformas radicais no plano político, econômico, jurídico e cultural” (GENTILI 1998 apud ROCHA, 2006, p.71).

2.5 AS RELAÇÕES ENTRE O ESTADO E O MUNDO DO TRABALHO NO CAPITALISMO

As ideologias liberal e neoliberal bem como o Estado de Bem-Estar estão diretamente ligadas ao mundo do trabalho. As políticas de produção em série marcaram o processo industrial deixando profundas marcas no período compreendido. Durante o século XIX, conforme afirma Passos (2005), as cidades europeias passaram por um crescimento desordenado e consideráveis evoluções tecnológicas, industriais e comerciais que ocasionalmente levaram o chamado excedente de produção de forma a atender à concentração populacional:

Passamos, a partir de um certo estágio do processo de industrialização, a usar máquinas como metáforas para nós mesmos e a moldar o mundo de acordo com princípios mecânicos. O trabalho nas fábricas passou a exigir horários rígidos, rotinas predefinidas, tarefas repetitivas e estreito controle. A vida humana sofreu profunda transformação. A produção manual deu lugar à produção em massa; a sociedade rural deu lugar à urbana e o humanismo cedeu ao racionalismo. Todo o sistema de valores e crenças foi afetado (WOOD JUNIOR, 1992, p.7).

Devido a esse excedente se tornou necessário que as empresas fabricassem seus produtos sem nenhuma preocupação com estrutura física ou organizacional, com as condições de trabalho e com os métodos utilizados. Assim, o período liberal ficou caracterizado com o chamado Taylorismo criado pelo engenheiro norte-americano Frederick Winslow Taylor no final do século XIX, considerado criador e pai da Administração Científica. A otimização do rendimento foi um elemento importante na óptica taylorista: “Ninguém ousará negar que o indivíduo atinge sua maior prosperidade, isoladamente, quando alcança o mais alto grau de eficiência, isto é, quando diariamente consegue o máximo rendimento” (TAYLOR, 1995, p.25).

O estudo da Administração Científica visava analisar de forma criteriosa como grupos específicos de produção laboral realizava suas ações e como maximizar a produção em relação a tempo para atender a acumulação de capital esperada:

Para Taylor (1990), a padronização de instrumentos permitiu um aumento da velocidade no trabalho de forma imediata no que se refere a todos os mecanismos em que são utilizadas. A administração científica pede primeiramente que haja uma investigação em cada modificação feita no instrumento, onde logo após são realizados os estudos dos tempos para

verificar a velocidade de alcance fazendo a reunião das características favoráveis do instrumento, tornando-o padrão e, assim permitir ao trabalhador a execução mais rápida e fácil (TAYLOR 1990, apud PASSOS, 2005, p.1500).

Taylor ficou conhecido amplamente por ser “inimigo do trabalho” razões essas pelas proposições que o mesmo fazia certas vezes afirmando que trabalhadores deveriam ser explorados e principalmente monitorados de forma a não prorrogar o tempo trabalhado:

Taylor, também, menciona a necessidade de controlar a vadiagem no trabalho e elege como as três causas principais da vadiagem: primeiro, o erro disseminado entre os trabalhadores de que o maior rendimento do homem e da máquina terá como resultado o desemprego de grande número de operários; segundo o sistema defeituoso da administração e, terceiro, os métodos empíricos que fazem os operários desperdiçarem grande parte de seu tempo (RIBEIRO, 2015, P.67).

A produção em massa necessitava de custos reduzidos e uma superprodução manufatureira. As maneiras de efetivar a diminuição de custos e o melhor aproveitamento da mão-de-obra contradizem com a demanda oferecida ao mercado:

O modo mais efetivo de baixar os custos de produção é baixar os custos da mão-de-obra - através de um aumento na mecanização, de mudanças de leis ou costumes para reduzir os salários reais ou por deslocamento geográfico da produção para zonas de mão-de-obra mais barata. Essas táticas funcionam; de fato, reduzem o custo da mão-de-obra. Contudo, elas entram em contradição com a outra maneira de aumentar os lucros e as taxas de lucro, que é aumentar a demanda efetiva (WALLERSTEIN, 2001, p.125).

Conforme Wood Junior (1992) durante o período de produção manual a indústria automobilística era movida por um sistema comandado diretamente pelo dono que se relacionava com: clientes, operários e fornecedores. Na produção manufatureira a produção era baixa e a força de trabalho era altamente especializada e muitos empregados tendiam a abrir sua própria empresa após alguns anos trabalhado na companhia. Além disso, os custos de produção eram altos e, portanto, somente os ricos podiam se dar ao luxo de comprar carros. Então, Henry Ford fundador da Ford Motor Company criou uma nova forma de produção em massa; conhecida como Fordismo. A nova forma de sistema possuía grande influência de seu modelo anterior, porém com algumas diferenças:

Para subordinar a força de trabalho ao ritmo extenuante da produção Ford organizou a produção a partir de uma nova lógica, a do pagamento de altos salários. Em “Os princípios da prosperidade” Ford contraria algumas análises que classificam seu método de organização do trabalho como mera composição dos princípios da organização taylorista, a partir da exposição de princípios que podem ser apreendidos numa perspectiva de ruptura e

continuidade com as técnicas de gerenciamento propostas pela administração científica de Taylor [...] (BATISTA, 2014, p.3).

Na visão de Araujo (2009), o setor automobilístico foi de grande importância no cenário capitalista onde se observa a estabilidade do modelo econômico em seu período de vigência. Nessa fase ressaltou-se a importância que os automóveis representavam nas camadas sociais representando a massa social que possuía maior poder aquisitivo. No Fordismo ocorre então o início da popularização do automóvel e sua produção em grande escala. Assim, a produção e os modos de acumulação passaram a conviver com crises periódicas. Por consequência, de forma a atender novas demandas estabelecidas pelos consumidores e aplicação dos recursos da melhor maneira, se tornou necessário contornar as crises existentes. Atribui-se a evolução tecnológica as mudanças que ocorreram no setor automobilístico e ainda considerada o mesmo como um pioneiro no desenvolvimento nos meios de organização, produção e divisão do trabalho. Ressalta também a importância da era Fordista e seus reflexos no processo de produção em massa:

O início da era Fordista, ao fim da primeira Guerra Mundial, teve a seu favor a mudança na tecnologia industrial da época. A intenção de produzir veículos em série, de uma forma mais sucinta e menos dispendiosa, findou por criar a racionalização do processo de produção. Essa observação não é nova, já que em outros períodos históricos, principalmente desde a Revolução Industrial, a intenção do crescimento do volume da produção e a diminuição dos custos eram aparentes. No entanto, as consequências diretas ao desenvolvimento do Fordismo resultaram num novo sistema de acumulação de proporções mundiais em um curto espaço de tempo. A partir dos bons resultados alcançados pela Ford Motors, a busca pela racionalidade na produção começa a ser prioridade para os engenheiros de produção e empresários. Cria-se, portanto, um pacto social onde a sociedade interage com o um determinado sistema produtivo de modo a fazê-lo funcionar e triunfar sobre outros. Tal pacto nem sempre é tácito e depende, em grande parte, da aceitação social das medidas impostas pelas empresas e, em alguns casos, políticas de governo (ARAUJO, p. 37, 2009).

O autor ainda salienta que após esse momento uma nova classe trabalhadora com poder aquisitivo surge nos Estados Unidos. As produções em grande escala automobilística juntamente com os baixos preços ocasionaram no aumento de compra por parte dos estadunidenses. O precursor do modelo Fordista adotava a filosofia que seus trabalhadores seriam potenciais consumidores e assim ajustou seu modelo de produção para cinco dias semanais, de forma que nos outros dois, os mesmos pudessem aproveitar seus bons salários durante o final de semana em um automóvel de preferência produzido pela Ford Motors. Com o modelo de acúmulo de capital:

[...] as fábricas passaram a ter problemas de abastecimento e se queixavam de um conseqüente aumento dos preços dos produtos finais, e, no caso específico da produção automobilística, um aumento no custo do combustível dos automóveis. Diante de tais dificuldades, o sistema de produção e acumulação entra em colapso e, para se sustentar, o capitalismo sofreu mais uma mudança. O resultado disso foi o desenvolvimento de novas tecnologias e um modelo menos rígido àquele proposto pelo Fordismo. O chamado pós-Fordismo, portanto, caracteriza-se principalmente pela flexibilização das relações de produção – e da produção em si –, novos meios de fluxo de mercadorias e capital e, sobretudo, inovações organizacionais (HARVEY, 1993, p. 147 apud ARAUJO, 2009, p.44 e 45).

Conforme Shiroma (1993) a partir da década de 60 ocorre a crise do padrão fordista devido a uma série de instabilidades sociais geradas devido à grandes quantidades de profissionais não qualificados submetidos a jornadas de trabalho exaustivas simultaneamente com ambientes de trabalho não favoráveis. De acordo com a autora as taxas de desemprego cresceram juntamente com o declínio das indústrias, em especial os Estados Unidos. Juntamente com isso ocorria a mudança dos padrões exigidos pelos consumidores que estavam cada vez mais exigentes. Então surge o Toyotismo, que diferente dos outros modelos não sofreu durante esse período, mas sim floresceu. Em 1982 o Japão se tornava o maior produtor de carros do mundo:

O Toyotismo alterou a estrutura anterior de produção, que concentrava todo o processo na própria empresa. A tônica passou a ser a subcontratação de empresas (terceirização) que fazem as peças necessárias, cada uma produzindo determinada especialidade, mas mantendo participação acionária na terceirizada. Porém nas terceirizadas os salários são sempre inferiores aos da empresa principal (MELLO, 1998, p.274).

A partir disso se origina o modelo que ficou conhecido como Toyotismo servindo de plano para a corrente neoliberal. Alves (2007) afirma que nessa fase ocorreu a crise estrutural do capital onde se buscou desconstruir os direitos trabalhistas. Na mesma época surgiu o que foi considerado de salariedade precária, devido a precarização das condições de contratação salarial do proletariado. Esse momento de perda de direitos e luta entre sindicatos versus governança gerou atritos que caracterizaram os governos principalmente de Reagan e Thatcher.

Constatou-se por Cortez, Carvalho e Fernandes (2015) que a economia da oferta foi um dos pilares dos famosos governos precursores do neoliberalismo. Através dela se concretizou o que ficou conhecido como a contrarrevolução liberal, ou anti-keynesiana. A crise dos capitais de produção e da força de trabalho se tornaram evidentes nesse período:

Nas últimas décadas, devido a crise estrutural e ao novo patamar de luta de classes, expresso pela ofensiva do capital na produção e reprodução social por meio das ideologias do neoliberalismo e do pós-modernismo, torna-se exposta a condição de precariedade ontológica da força de trabalho como mercadoria (ALVES, 2007, p.127).

No modelo neoliberal ocorre a diminuição dos direitos trabalhistas e sociais, a queda do crescimento econômico e desenvolvimento industrial além da desnacionalização no âmbito econômico. Através desses elementos se constata que:

Esses elementos fornecem-nos as pistas para detectarmos qual é a fração burguesa hegemônica ao longo do período neoliberal. Para tanto, deveremos detectar qual fração burguesa é prioritariamente beneficiada pelas características do novo modelo. No período do modelo capitalista desenvolvimentista, verificou-se uma expansão, ainda que limitada e não-linear, dos direitos trabalhistas e sociais. O modelo neoliberal de capitalismo inverteu essa tendência. Desse elemento sobejamente conhecido, podem-se tirar conclusões novas (BOITO JUNIOR, 2007, p.4).

Harvey (2011) sinaliza que a implementação do neoliberalismo foi feita de forma sólida por pessoas como Ronald Reagan, Margaret Thatcher e o general Augusto Pinochet que estariam dispostos a usar o poder do Estado para neutralizar o poder do trabalho organizado. A classe trabalhadora, principalmente na Europa e certa forma nos Estados Unidos era um movimento forte e os Estados se encontravam cautelosos com o poder do trabalho organizado. Faz-se ainda referência de como a situação foi contornada pelo capital com a ascensão do neoliberalismo durante os anos 1970 e início dos anos 1980. A centralização do capital e a monopolização produzem uma crise de estagflação (aumento do desemprego junto com aceleração da inflação) que se assemelha com os problemas enfrentados hoje. Em suma, o processo neoliberal não só veio para quebrar o poder do trabalho, mas também para estabelecer leis opressivas de concorrência, que visavam a acumulação sem fim do capitalismo.

Neste capítulo compreendemos a formação teórica dos processos liberais e neoliberais bem como sua origem nos primórdios iluministas. Analisamos a construção do neoliberalismo como projeto hegemônico e acompanhamos a transição dos paradigmas do trabalho, as mutações e os reflexos da reestruturação produtiva no passar do tempo. Feito o reconhecimento teórico, fechamos essa parte e adentramos agora no processo histórico.

3 EXPANSÃO NEOLIBERAL E SEUS PRECURSORES

Abordamos no capítulo anterior a trajetória que o processo liberal transcorreu, passando por seu precursor até seu sucessor. Feita a análise das mudanças percorridas pelo mundo do trabalho iremos abordar as diferenças entre Neoliberalismo e Estado de Bem-Estar, bem como o processo que os governos neoliberais perpassam com enfoque especial para as pessoas de Margaret Thatcher e o presidente americano Ronald Reagan.

3.1 O BEM-ESTAR DA SOCIEDADE EM DEBATE: A ASCENSÃO NEOLIBERAL

No decorrer dos anos noventa observa-se a passagem de um mundo bipolar para uma hegemonia dos Estados Unidos no Sistema Internacional. Nesse contexto, analisou-se o neoliberalismo, como vertente vigente do período e sua influência e alastramento através das principais potências da época. Tomou-se como foco os Estados Unidos de Reagan e o Reino Unido de Thatcher.

Conforme Anderson (1995) a crise do pós-guerra levou ao âmbito do capitalismo avançado uma grande recessão. As taxas de inflação em conjunto com baixas taxas de crescimento deram terreno, pela primeira vez, a ideias neoliberais. o autor vê o neoliberalismo da seguinte forma:

Começamos com as origens do que se pode definir como neoliberalismo enquanto fenômeno distinto do simples liberalismo clássico, do século passado. O neoliberalismo nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo. Foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar (ANDERSON, 1995, p.1).

O autor afirma que, o modelo neoliberal inglês foi tanto o pioneiro quanto o mais puro. O governo Thatcher contraiu a emissão monetária, elevou as taxas de juros, baixou drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, abolindo os controles sobre os fluxos financeiros, criando altos níveis de desemprego, gerando greves e também uma nova legislação anti-sindical juntamente com o corte de gastos sociais. O governo se lançou num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida a indústrias básicas como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água. Sendo de acordo com o autor, o mais

sistemático e ambicioso pacote de medidas de todas as experiências neoliberais em países de capitalismo avançado.

Silva Júnior (2006) pontua que a expansão neoliberal se difundiu de forma mundial depois dos anos oitenta. Especialmente, depois da adesão de países desenvolvidos como Estados Unidos e Inglaterra, e após se espalhando pela América Latina e posteriormente em outras regiões do mundo. O neoliberalismo surgiu com a função de controlar a inflação dos anos, porém como destacado a seguir, alcançou muito mais que isso:

Se analisarmos o êxito da política neoliberal pelo combate da inflação, o resultado foi inegável. Na Europa, a inflação caiu de 8,8% nos anos 70 para 5,2% nos anos 80 e em torno de 2,3% nos anos 90. Outro ponto de êxito da política neoliberal foi com relação ao lucro das empresas capitalistas, que saíram de um prejuízo de 5,3% nos anos 70 para 5,2% nos anos 80, a razão disso foi a queda do movimento sindical. O terceiro êxito foi o aumento nos índices de desemprego, concebido como um mecanismo natural e necessário a qualquer economia de mercado. O quarto e grande êxito da política neoliberal foi o grau de desigualdade social – talvez o objetivo mais importante de todos os princípios neoliberais – o Neoliberalismo precisa que os ricos como classe dominante possa servir de válvula propulsora para a reanimação do capitalismo avançado mundial (ANDERSON, 1995, p.15).

Para efetivar a análise do surgimento do processo neoliberal é necessário entender seu modelo anterior, o Estado de Bem-Estar Social. Nesta seção será abordada as características de ambos os paradigmas, bem como a crítica neoliberal frente ao paradigma anterior. O surgimento do Estado de Bem-Estar Social também conhecido como Welfare State, foi originado durante a década de trinta e pode-se caracteriza-lo da seguinte forma:

O Estado intervencionista, denominado Estado de Bem-Estar Social, Estado-providência ou Welfare State, surgiu como uma forma de reverter o processo imposto pelo liberalismo e como um prolongamento natural dos direitos civis. [...] Trata-se de mecanismos de proteção social para garantir a cidadania dos indivíduos, sendo realizados por meio da intervenção do Estado, restringindo os privilégios empresariais e, por isso, contando com grande apoio popular (FORIGO, 2003, p.2).

Silva Júnior (2006) aponta que da crise dos anos trinta nasce o modelo que ficou conhecido como Estado Keynesiano. Nesse período foi observado um desenvolvimento econômico estável, ficando assim conhecido como os “anos dourados” na história do capitalismo. Conforme observa-se abaixo a Estado de Bem-Estar trouxe ao âmbito econômico mudanças significantes logo após a sua implementação:

No capitalismo conduzido pelo welfarestate-keynesiano, os grandes desequilíbrios manifestados nas crises econômicas profundas, como a de 29, foram substituídas por flutuações suaves, facilmente toleráveis. A taxa de

desemprego, nos anos gloriosos, reduziu-se na Europa a apenas 1,5% da população economicamente ativa (SILVA JÚNIOR, 2006, p.25 apud Martins, 1996, p. 5).

Forigo (2003) destaca que os pensadores neoliberais subtemem indispensável a eliminação da intervenção estatal na economia. Para eles, a presença do Estado deve caracterizar-se como mínima e quanto aos direitos sociais é de responsabilidade da própria sociedade em garanti-los. Portanto, na visão neoliberal para que haja plena funcionalidade o corte nos gastos sociais, bem como a eliminação de programas de benefícios é de suma importância. A crítica neoliberal frente ao Estado de Bem-Estar consistia em afirmar que as iniciativas privadas não poderiam se desenvolver, além disso criticava a distribuição de capital frente ao trabalho. Porém, com a instauração do neoliberalismo a situação social só piorou, conforme observa-se a seguir:

Para os neoliberalistas o Estado de Bem-Estar Social asfixia as energias sociais porque impede que a iniciativa privada participe do desenvolvimento social, deformando os mercados e gerando a inflação. Além disso, teve um baixo impacto redistributivo entre o capital e o trabalho. [...] A despeito de suas críticas ao Estado de Bem-Estar Social, o neoliberalismo não consegue recuperar a dinâmica do capitalismo e muito menos promover o pleno emprego. A disseminação das desigualdades continua tão forte como antes, e os problemas sociais aumentam (FORIGO 2003, p. 7;10).

Silva Júnior (2006) afirma que a disputa ideológica entre os neoliberais e os keynesianos foi marcada por reguladores do sistema capitalista. Na disputa os neoliberais defendiam que a economia iria se regular por conta própria, tendo a produção e o mercado a serem mais eficientes. Do outro lado, os keynesianos afirmavam que capitalismo contemporâneo é essencialmente instável e necessitava de outro modelo para reger a economia, no caso a intervenção do Estado.

Os neoliberais consideram as políticas de subsídios e incentivos creditícios e fiscais, bem como as políticas sociais típicas do welfare state, como interferências no sistema de mercado. E o financiamento dos gastos públicos necessários à sustentação do welfare state o grande responsável pela quase totalidade dos males que afligem a sociedade: a ampliação do déficit público, a redução da poupança privada, a inflação, o desestímulo ao trabalho e à concorrência, a redução da produtividade, a marginalização social etc (SILVA JÚNIOR, 2006, p.31 apud CAMARGO NETO, 1997, p. 83).

O autor ainda observa que nenhum modelo conseguiu proporcionar uma sociedade justa. Ao seu ver, para ambas as teorias os processos de seletividade e injustiça são naturais. Entretanto, a crítica não faz sentido. O neoliberalismo serviu para enfraquecer a ação sindical, tirando-lhes a liberdade, contradizendo com a mesma falta de liberdade que os mesmos criticavam em relação ao mercado do

Estado do Bem-Estar. A disputa entre as duas vertentes durou até os anos setenta quando a crença keynesiana começou a se desgastar devido a diminuição de crescimento econômico e um aumento nos índices de inflação, gerando inúmeras discussões sobre a falência do modelo centrado no Estado e a necessidade de se construir uma nova estratégia para o desenvolvimento:

Essas duas correntes de pensamento antagônicas vão entrar em choque nos anos 70, pois ambas apresentam seus pontos de vista com relação à natureza da crise do padrão de desenvolvimento baseado na Welfare State. Para os keynesianos e marxistas a crise do Estado decorreria da crise econômica, enquanto os liberais vêem a determinação em sentido inverso, ou seja, a crise econômica é produto do intervencionismo estatal. Nos anos 70, o padrão de desenvolvimento baseado no welfare state começava a dar mostras de esgotamento. As políticas econômicas convencionais revelavam-se incapazes de direcionar a economia para os caminhos desejados; ou seja, o planejamento indicativo mostrava-se impotente. As fases de expansão tornavam-se mais curtas, as recessões mais rigorosas, a inflação aumentava com vigor, e o estável crescimento auto-sustentado dos anos 50 e 60 não retornava. A dimensão social do Estado, por seu turno, dava mostras de enfraquecimento e crise financeira, e começava a receber críticas vindas das mais variadas direções (SILVA JUNIOR 2006, apud DRAIBE E HENRIQUE, 1988, p.72).

Forigo (2003) afirma que com a crise do Estado do Bem-Estar nos anos setenta foi gerado um aumento do déficit público e de empresas improdutivas, fato que desestimulou a força de trabalho e competitividade. Ocorre assim, a redução da capacidade de poupança e o excedente de capital para ser reinvestido na produção, além de gerar uma enorme inflação. Por fim, observa-se que:

[...] mesmo sendo o neoliberalismo teoricamente favorável ao fim do Estado de Bem-Estar Social, não é possível que este seja totalmente desmantelado. As experiências históricas do neoliberalismo real mostram que as políticas de transferência de renda e de manutenção do bem-estar social foram enfraquecidas, mas não eliminadas. Traduzindo o argumento em termos da dicotomia funcionalismo versus estruturalismo, pode-se dizer, ampliando e superando o argumento funcionalista, que as frações de classe capitalistas possuem maior influência política sobre o Estado, mas que frações não-capitalistas também o influenciam e, ampliando e superando o argumento estruturalista, pode-se dizer que o Estado deve, racionalmente, beneficiar as empresas capitalistas, mas também deve, racionalmente, atender aos interesses dos grupos que desejam se proteger do capitalismo (MELLO FILHO, 2010, p.53).

A política neoliberal alcançou, de acordo com Anderson (1995), política e ideologicamente êxito num grau com o qual seus fundadores jamais sonharam, disseminando a simples ideia de que não há alternativas para os seus princípios e que todos teriam que se adaptar a suas normas. Este fenômeno chama-se hegemonia, ainda que, naturalmente, milhões de pessoas não acreditem em suas receitas e resistam a seus regimes.

Na próxima seção analisamos um grande parceiro político de Thatcher, o presidente norte americano Ronald Reagan. A análise dessa parceria é necessária para compreender a maestria do projeto de implementação neoliberal para o mundo.

3.2 O NEOLIBERALISMO DOS ESTADOS UNIDOS: GOVERNO REAGAN

O fato de as nações adotarem regimes de cunho neoliberal mostra a relevância de estudar o paradigma abordado. Em especial, a pesquisa foca em dois grandes governos que serviram como difusores do neoliberalismo: o americano e britânico.

A presente seção trata do presidente Ronald Wilson Reagan, considerado um dos principais chefes de Estado que instauraram essa política em seu governo, compreendido durante os anos de 1981 até 1988. Dados que chamam atenção ao começo do governo Reagan:

Reagan foi o quadragésimo presidente dos Estados Unidos e foi também o mais velho a assumir o posto, em 20 de janeiro de 1981. No dia 6 de fevereiro, completou setenta anos. No mesmo dia da posse, o governo conseguiu a libertação de 52 americanos mantidos reféns no Irã. Reagan ordenou, também no dia 20 de janeiro, o congelamento de contratações governamentais. Nove dias depois, uma segunda ordem proibia as agências regulatórias de estabelecer novas regras. A política econômica da Era Reagan ficou mundialmente conhecida como uma política do tipo supply-side (MELLO FILHO, 2010 p.14).

Cortez, Carvalho e Cunha (2015) afirmam que uma das principais formas de recuperação econômica na qual o presidente se baseou foram as chamadas políticas de supply-side (economia ao lado da oferta) que consagraram a política anti-keynesiana e perfilharam o direcionamento econômico da gestão que levaram a uma guinada neoliberal. A economia da oferta defendia que o crescimento econômico poderia ser obtido através de incentivos tributários que iriam gerar maiores investimentos produtivos por parte das empresas. Essa política ocasionou a quebra de setores tradicionais da indústria, bem como a influência dos sindicatos, valorizando o dólar e intensificando o avanço de indústrias de alta tecnologia. Entretanto, conforme ressaltado a seguir, a grande essência do governo Reagan se baseava em outras ações:

A razão para o relativo sucesso econômico do governo Reagan não se encontra em políticas do tipo supply-side. Encontra-se, isto sim, na diminuição paulatina da taxa de juros do FED sob o comando de Volcker, na estabilização dos preços internacionais das commodities e nos maciços gastos públicos. Um dos principais fatores que favoreceu o crescimento econômico foi o

aumento do consumo financiado pelo crédito e não pelos salários, já que a parcela do salário no PIB declinava. O processo de endividamento das famílias americanas, que continuaria nas décadas seguintes, alimentado por bolhas financeiras, começou nos anos 1980 (MELLO FILHO, 2010, p. 137).

Conforme Tonial (2003) ressalta, um dos principais objetivos do governo Reagan se baseou na busca de recuperar a hegemonia norte-americana no conjuntura político-internacional. O presidente se lançava em seus discursos como o guia do mundo livre e a pessoa que seria responsável por acabar com o império do mal. A gestão se baseava em três fatores principais que iriam reger a direção que se tomaria:

As decisões tomadas pelo governo norte-americano de 1981 a 1985 recuperaram o tripé que sustenta os EUA como principal potência mundial: (i) liderança econômica, em especial na alta tecnologia, e o dólar como principal moeda de reserva; (ii) liderança militar incontestável, com o fim da capacidade da URSS de tentar equilibrar a corrida armamentista e a vitória na Guerra Fria, com clara superioridade em armamentos de alta tecnologia; (iii) credibilidade da política externa, principalmente frente a seus aliados (CORTEZ; CARVALHO; CUNHA, 2015, p.2).

Mello Filho (2010) atribui aos discursos de Reagan a questão da participação estatal excessiva na economia e como isso afetava as liberdades individuais criando problemas para o crescimento econômico. “Não é coincidência que nossos problemas atuais coincidam e são proporcionados pela intervenção e intromissão nas nossas vidas resultantes do desnecessário e excessivo crescimento do governo” (MELLO FILHO, 2010 apud REAGAN, 20 de janeiro de 1981). Então, de acordo com o autor, o presidente acreditava que de forma a cumprir meta principal de governo, a recuperação do crescimento econômico sem inflação, o mesmo deveria aplicar políticas de diminuição da presença estatal no âmbito econômico. O autor afirma que o presidente possuía uma grande de influenciar a opinião através de seus discursos e através dos mesmos conseguir avaliações positivas para implementações de projetos políticos. Nos discursos do presidente se constata as seguintes informações:

Reagan deixou claro que a inflação e o desemprego eram os principais problemas a serem atacados. E que a causa da diminuição da produtividade no país se devia à excessiva carga tributária: Os negócios na nossa nação andam para trás. Estes Estados Unidos são confrontados com uma aflição econômica de grandes proporções. Nós sofremos a maior e uma das piores inflações sustentadas da nossa história nacional. Ela distorce nossas decisões econômicas, penaliza poupadores, e esmaga jovens batalhadores e idosos com renda fixa do mesmo modo. Ela ameaça estrçalhar a vida de milhões de pessoas. Indústrias paralisadas têm seu contingente de trabalhadores no desemprego, miséria humana e indignação pessoal. Àqueles que trabalham é negado o retorno justo pelo seu trabalho por um

sistema tributário que penaliza quem atinge o sucesso e nos impede de manter a produtividade plena (MELLO FILHO, 2010, p.96).

Anderson (1995) ressalta que a política externa de Reagan serviu para reduzir impostos em favor dos ricos, aumentando as taxas de juros e derrotando uma greve séria de sua gestão. O escritor acrescenta que Reagan:

[...] não respeitou a disciplina orçamentária; ao contrário, lançou-se numa corrida armamentista sem precedentes, envolvendo gastos militares enormes, que criaram um déficit público muito maior do que qualquer outro presidente da história norte-americana. [...] somente os Estados Unidos, por causa de seu peso na economia mundial, podiam dar-se ao luxo do déficit massivo na balança de pagamentos que resultou de tal política (ANDERSON, 1995, p.4).

Mello Filho (2010) questiona a legitimidade de tais discursos e se esses interesses representavam as reais ambições de Reagan ou se isso tudo não passava da tentativa da parte de alguns membros do governo com intuito de diminuir alguns gastos federais a fim de aumentar outros. As ações mais promissoras tinham como base o pressuposto de que a economia ficaria mais enérgica com a diminuição de impostos. Se observa que os gastos foram justamente direcionados às atividades prioritárias que eram propostas pela gestão Reagan, pondo os demais setores em segundo plano:

No período estudado, aumentou bastante o dispêndio com juros líquidos, que passaram de menos de 9% das despesas do governo federal em 1980 para 14,3% das mesmas no último ano de governo, em 1988. Com relação aos gastos classificados como outras funções, o resultado conjunto foi a diminuição da participação, tendo como destaque as despesas do governo geral e assuntos internacionais. As demais atividades, agricultura, administração da justiça, ciência, espaço e tecnologia, permaneceram com parcelas próximas às anteriores à posse de Reagan (MELLO FILHO, 2010, p.121).

Consoante as ideias de Lobo e Cortez (2015) destaca-se que o governo Reagan ficou conhecido por uma política externa invasiva em relação à antiga Rússia, URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Isso se deu ao fato que depois do fim da década de 1970 a política de Detente ou distensão (termo usado para retratar a situação de países que se encontravam em situações hostis e optavam por tentar resolver suas diferenças de maneira diplomática) estava desgastada e já não agradava os cidadãos norte-americanos. O autor destaca que além disso, o período regente da era Reagan foi marcado por uma forte onda liberal na economia, desregulando todo o mercado financeiro e flexibilizando a flutuação do dólar. Já Anderson (1995), acrescenta ainda que o maior triunfo americano se deu quando ao fim da Guerra Fria ocorreu a queda da antiga União Soviética, criando assim, a

confiança norte americana no direcionamento em remodelar o mundo em geral. Embora sendo um governo regido pelo paradigma liberal e que apoiava a livre iniciativa e não intervenção efetiva do Estado, sua gestão ficou conhecida por ter elevados índices de déficits públicos gerados em grande parte pelo investimento militar:

A magnitude dos gastos militares e o destaque para a alta tecnologia apressou sobremaneira o colapso da economia soviética e potencializou a onda de mudanças que permitiu a retomada da liderança nos EUA em todos os segmentos econômicos decisivos, no momento em que se dizia que o Japão teria tomado a liderança tecnológica e era a potência econômica ascendente (CORTEZ; CARVALHO; CUNHA, 2015, p.3).

Nesse sentido, Lobo e Cortez (2015) apontam que o grande aumento dos gastos públicos relacionados em grande parte à defesa e desenvolvimento de novas tecnologias militares foi um dos grandes responsáveis pelo aumento do déficit público em seus dois mandatos. Destaca ainda que o programa chamado Strategic Defense Initiative – SDI - Iniciativa de Defesa Estratégica, apelidado de “Guerra nas Estrelas”, elaborado com a intenção de fraquejar a URSS em questões militares e econômicas, bem como o comunismo e o bloco socialista. A razão pela criação de tal programa se dava ao fato que:

[...] os Estados Unidos da América - EUA não alcançariam a produção em massa de equipamentos militares convencionais da URSS, como tanques, aeronaves e mísseis. Portanto deveriam investir no desenvolvimento de equipamentos militares de alta tecnologia, compensando qualidade versus quantidade. No cenário europeu, a Organização de defesa do Atlântico Norte - OTAN, estava em franca desvantagem em relação ao pacto de Varsóvia no campo das armas convencionais (LOBO; CORTEZ, 2015, p.40).

Lobo e Cortez (2015) atribuem ao programa Guerra nas Estrelas o desenvolvimento tecnológico e militar dos Estados Unidos, possibilitando assim, sua supremacia militar desde o final da Guerra Fria. As defesas antimísseis sofreram grandes dificuldades de implantação, porém, estão em uso até os dias de hoje. Todavia, o maior impacto do programa foi o aumento da capacidade tecnológica nas áreas de satélites, informática, telecomunicações e alta tecnologia como fator consequente do programa. Então, pode-se caracterizar o programa conforme destacado a seguir:

Nos Estados Unidos, onde o Estado de Bem-estar social quase não existia, nos moldes dos países europeus, a prioridade neoliberal era a competição militar contra a União Soviética, concebida, como uma estratégia para quebrar a economia soviética e derrubar o regime comunista; não se pode esquecer que a administração Reagan também reduziu imposto para os ricos, elevou a taxa de juros e acabou com o já pouco organizado sistema sindical americano (SILVA JUNIOR, 2006, apud Anderson, 1995).

De acordo com Mello Filho (2010), o presidente Ronald Reagan culpava as gestões anteriores pelo péssimo desempenho sofrido no começo de seu mandato. Reagan afirmava ter herdado altas taxas de juros e inflação dos governos anteriores e que, de acordo com o presidente, o legado econômico estava atrapalhando seus feitos frente ao governo. Assim, as taxas de desemprego estavam altas e Reagan tinha como uma das principais metas a diminuição do desemprego no modo geral. Entretanto, Reagan e Thatcher ficaram famosos por grandes embates com as classes trabalhadoras. Em um dos casos mais famosos do presidente norte americano se destaca o episódio da PACTO (Professional Air Traffic Controllers Organization):

O governo Reagan reprimiu a greve dos controladores de voo do PACTO e o governo Thatcher reprimiu uma greve de mineiros. Nos EUA, o salário mínimo federal não obteve aumentos nominais entre 1981 e 1990. Um sindicato dos controladores de voo, o Professional Air Traffic Controllers Organization (PACTO), que apoiara o presidente nas eleições de 1980, entra em greve, demandando aumentos salariais e de benefícios. Reagan ordenou que voltassem a trabalhar em dois dias, ou seriam demitidos. Dentro de duas semanas, 11 mil controladores de voo, mais da metade dos membros do PACTO, foram demitidos. Profissionais das forças armadas garantiram que 80% dos voos voltassem a operar normalmente [...] (MELLO FILHO, 2010, p.129).

Conforme Mello e Filho (2010), Reagan possuía uma forte vertente política relacionada ao neoliberalismo. Com fatores típicos desse paradigma, tais como: a desregulamentação de mercados financeiros, o enfraquecimento de instituições de proteção social, o enfraquecimento de sindicatos e da proteção aos trabalhadores, a diminuição da regulamentação do governo sobre a economia, o corte de impostos para os mais ricos, a abertura comercial e financeira e o abandono do pleno emprego como guia de política econômica. Atribui-se à gestão de Ronald Reagan os seguintes fatores:

O governo Reagan combinou três processos complexos e a interação entre eles resultou na recuperação e na consolidação da posição de liderança internacional dos Estados Unidos - na capacidade diplomática e militar, na supremacia econômica e na posição do dólar. A interação entre os três não foi planejada e havia aspectos contraditórios entre si. A combinação entre eles é um componente relevante para a análise do que ocorreu no período e de como se dão os processos econômicos e políticos nos Estados Unidos (CORTEZ; CARVALHO; CUNHA, 2015, p.27).

Para concluir, Silva Júnior (2006) aponta que as mudanças que se iniciaram nos anos 80 no governo Reagan originaram uma transformação no papel do Estado, com aumento dos gastos em defesa e nos subsídios aos setores mais poderosos e a

diminuição de gastos em áreas sociais. Fazendo assim, que a miséria aumentasse drasticamente.

4 AS POLÍTICAS DE THATCHER PARA O MUNDO DO TRABALHO E AS INTERPRETAÇÕES DA IMPRENSA BRITÂNICA: OS INTELECTUAIS DO THE GUARDIAN

Nessa sessão, foi analisada a figura de Margaret Thatcher como a personificação do Neoliberalismo britânico. Thatcher foi uma mulher conservadora e que se relacionou de forma polêmica com a classe trabalhadora. O presente capítulo analisa a vida de Thatcher pré inserção política, como mulher e chefe de Estado em relação com os mineiros. A análise da greve, em especial a batalha de Orgreave foi analisada a partir do periódico *The Guardian*, assim como o legado deixado pela Primeira-Ministra.

4.1 MARGARET THATCHER: ENTRE A MULHER E A CHEFE DE GOVERNO

Para falar de Margaret Hilda Thatcher utilizamos principalmente arquivos encontrados no site MARGARET THATCHER FOUNDATION (2017) para fazer um apanhado geral de sua vida. De acordo com o site, Margaret nasceu em 13 de outubro de 1925 em Grantham, uma pequena cidade ao leste da Inglaterra. Filha dos comerciantes Alfred Roberts e Beatrice Ethel, sendo seu pai membro do conselho da cidade por 16 anos, bem como, vereador e prefeito de Grantham. A casa de Margaret Thatcher e o início da vida em Grantham desempenharam um papel importante na formação de suas convicções políticas, conforme destacado nos eventos a seguir:

A vida social da família foi vivida em grande parte dentro da comunidade próxima da congregação local, delimitada por fortes tradições de auto-ajuda, trabalho de caridade e veracidade pessoal. Ingressou na Universidade de Oxford, onde estudou Química, tornando-se em 1946 presidente da Oxford Union. Depois de formada, trabalhou na área de pesquisa em Química, mas já demonstrava seu interesse pela política. Após, ingressou no curso de Direito, especializando-se em Direito Tributário. Em 1951 casou-se com o comerciante Denis Thatcher, um empresário local que dirigia a empresa de sua família antes de se tornar um executivo na indústria do petróleo, de quem adotou o nome e teve um casal de gêmeos. Em 1959 foi eleita parlamentar no círculo eleitoral conservador da região de Finchley. Em 1961 foi nomeada subsecretária parlamentar no Ministério da Previdência e Seguro Nacional. Em 1970 foi nomeada secretária do Departamento de Educação e Ciências. Em 1975, tornou-se líder do partido conservador. Em 1979, na campanha para as eleições, o Partido Conservador sagrou-se vitorioso e Margaret Thatcher se tornou a primeira (e por duas décadas a única) mulher a liderar uma importante democracia ocidental. Ganhando por três vezes sucessivas as eleições gerais e atuando como primeira-ministra britânica por mais de onze anos (1979-90), um recorde incomparável no século XX (MARGARET THATCHER FOUNDATION, 2017, tradução nossa).

Conforme a Fundação, observa-se que na década de 1950 Thatcher se especializou em direito tributário. Quando os conservadores voltaram para o cargo em 1970, sob a presidência de Edward Heath, ela alcançou o cargo de gabinete como Secretária de Educação. Thatcher se tornou uma das fundadoras juntamente com o presidente Ronald Reagan, de uma escola de política de convicção conservadora, que impactou fortemente a política na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Ao mudar com sucesso a política econômica e externa britânica para a direita, seus governos ajudaram a encorajar tendências internacionais mais amplas que se ampliaram e aprofundaram durante os anos 80 e 90, como o fim da Guerra Fria, a disseminação da democracia e o fortalecimento do mercado livre liberdade política e econômica em todos os continentes. Thatcher sofreu uma série de pequenos derrames que com o passar dos anos deixaram sequelas, como confusões ocasionais e perdas de memória. Segundo sua filha, Carol, Thatcher tinha dificuldades em formular frases e esquecia que seu marido havia falecido em 2003. Margaret Thatcher faleceu em 8 de abril de 2013, com a fama de ter sido uma das líderes políticas mais influentes e respeitadas do mundo, bem como uma das mais controversas e dinâmicas, um ponto de referência para amigos e inimigos. Quando se pensa em Thatcher, imagina-se a figura de uma mulher conservadora e polêmica que se manteve frente ao poder por um mandato de onze anos no âmbito de uma sociedade predominantemente masculina. Logo, a análise da figura sobre a ótica feminista se torna algo imprescindível.

De acordo com Ceregatti et al (2015) o feminismo é definido pelo movimento das mulheres com objetivo de reivindicar alguns pontos com o intuito de mudar o mundo e suas vidas. O feminismo aborda a presença da mulher dentro da sociedade e como isso é tratado:

[...] como um movimento social que interfere na conjuntura, as visões políticas, as estratégias e formas organizativas podem ser muito diversas e até antagônicas[...] as mulheres estiveram presentes em todas as experiências de lutas e resistência dos povos oprimidos. Essa presença ainda é muito ocultada e as representações predominantes sobre as mulheres são que na maior parte da história estiveram dentro de casa e sem nenhuma participação pública (CEREGATTI et al., 2015, p.6 e 8).

Na visão dos autores, nem tudo que se faz em nome dos direitos das mulheres é anti-patriarcal. Em algumas organizações da sociedade civil são recorrentes ações que compactuam com o machismo e o racismo. Como exemplo, algumas campanhas de comunicação reforçam a redução do corpo feminino ou que

em nome dos direitos das mulheres promovem o racismo; ou homenagens a mulheres conservadoras como Margaret Thatcher, conhecida como neoliberal e fascista. Em geral, Thatcher não é reconhecida nem se proclamava como feminista. Usando frases como: "Não devo nada à libertação feminina", "As feministas me odeiam, não são? E eu não os culpo. Pois eu odeio o feminismo. É veneno" (SMITH, 2012, tradução nossa). Thatcher não se proclamava feminista e o movimento feminista (tradicionalmente de esquerda) também não a reconhecia. Conforme se observa a seguir:

Em sua primeira campanha para liderar a Grã-Bretanha, em 1979, um slogan popular lançado pelas feministas era "Queremos os direitos das mulheres, não uma mulher de direita". Um colunista de jornal coloca a visão feminista comum assim: "Ela pode ser uma mulher, mas ela não é uma irmã" (SMITH, 2012, tradução nossa).

Um artigo feito pela Secretária de Mulheres da Contraf-CUT (Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro) caracteriza de forma geral a visão feminista sobre Margaret Thatcher. Nele, Recoaro (2013) questiona a função e a discriminação que Thatcher sofria. Além disso, questiona se a mesma serviu como referência para as mulheres do mundo, concluindo que não. Podendo até ser para um grupo muito seleto de mulheres, mas para grande maioria Thatcher prestou o que chamou de desserviço. A autora ainda aponta que a Primeira-Ministra virou símbolo do neoliberalismo pelo mundo, que na sua opinião é uma das políticas mais cruéis para classe trabalhadora e em especial para as mulheres. Pois as políticas de redução estatal e ataques aos direitos sindicais recaem mais fortemente sobre as mulheres, porque de acordo com ela, esse é o principal grupo que depende destes serviços.

De fato, Thatcher não tinha uma política que visava os direitos das mulheres, entretanto, seu mandato como Primeira-Ministra serviu para impactar a sociedade e dar visibilidade e esperança para mulheres ao redor do mundo que almejam alcançar grandes posições de poder. Ao realizar a análise de uma vertente como o feminismo também se torna necessário averiguar a opinião pública da época. Por isso, na próxima seção debateremos, a partir das análises dos intelectuais do The Guardian, o legado de Thatcher para o mundo do trabalho.

4.2 DEBATENDO A PROBLEMÁTICA: A GREVE DOS MINEIROS DE 1984

A relação de Thatcher com o mundo do trabalho foi historicamente conturbada. Sua gestão ficou famosa por diversos episódios controversos. A imprensa britânica, na ocasião da morte de Thatcher em 2013, colocou a ex Primeira-Ministra de volta às suas páginas e o periódico *The Guardian* é um dos jornais que se prestou a análises que resgatavam o legado de Thatcher para o povo britânico e para o mundo. Anne Perkins tem sido escritora e correspondente do *The Guardian* desde 1997. Em um artigo publicado no jornal em 2013, a autora caracteriza Thatcher como uma mulher prática e resolvida sobre seus principais inimigos e aliados. Entre seus inimigos, ela cita: o socialismo, o Partido Trabalhista e acima de tudo o Estado coletivista. Segundo Perkins (2013), um dos momentos mais tensos de sua gestão foi a Greve dos Mineiros de 1984. O conflito que durou cerca de um ano foi um dos principais desafios da vida política de Thatcher, e por isso, a análise a seguir merece ser observada com atenção.

A importância do caso dos mineiros foi vista por Miranda (2005), que descreve em seu artigo a influência dos mineiros na política britânica. Esse fato se dá, principalmente, devido ao fato da extração de carvão ter sido umas das principais bases que levou à Revolução Industrial. O autor ainda ressalta que a importância econômica do setor era talvez ainda maior, conforme ressaltado a seguir:

Nos anos (19)80, cerca de 80% da energia elétrica da Inglaterra ainda era obtida por meio da queima do carvão mineral, do qual também dependiam indústrias pesadas, como a do aço. Além disso, o carvão era usado para o aquecimento interno das casas, coisa fundamental na Grã-Bretanha, principalmente no frio norte da ilha. Não é por acaso que naquela região, ao redor de cidades como York e Nottingham, se concentre grande parte do operariado das minas. Vinte anos depois, o aumento do uso de gás natural, vindo do mar do Norte, e da energia nuclear diminuiu bastante essa dependência (MIRANDA, 2005).

Ainda na visão do autor, os sindicatos possuíam grande influência frente aos agentes políticos na Inglaterra nos anos 1970. Ele afirma que: “O sindicato dos mineiros e seu líder já haviam conseguido desestabilizar o governo conservador de Edward Heath, que acabou renunciando em 1974”. Isso mostra o quão forte era o poder sindical e a razão pela qual os políticos conservadores, como o Primeiro-Ministro Heath (e Thatcher), estavam constantemente preocupados com os movimentos. A intenção de fechar e privatizar empresas estatais ameaçava diretamente as minas, pois a maioria delas eram antigas e deficitárias. Com o alto desemprego, o setor

estava condenado pela Primeira-Ministra a ter seu enfraquecimento. Então, no início de 1984, o governo declarou ultrapassados os acordos alcançados durante a greve dos mineiros de 1974 e decide fechar 20 minas que considerava não produtivas, fazendo com que cerca de 20.000 empregos fossem perdidos, desencadeando na greve que serviu como uma última tentativa de parar o fechamento dos postos.

O estopim veio em 5 de março de 1984: o governo anunciou o fechamento da mina de Cortonwood, em Yorkshire. No dia seguinte, Ian MacGregor, responsável nacional pelas políticas do carvão, deu o resto da má notícia: esse era só o início de um processo que acabaria com 20 minas e 20 mil empregos (MIRANDA, 2005).

O autor afirma que após a greve ter sido anunciada, o sindicato apresentou sua exigência: nenhuma mina poderia ser fechada se ainda tivesse recursos a serem explorados. No começo da paralisação apenas 28 minas trabalharam. Sendo assim, Thatcher acreditou que o custo político para o ataque aos mineiros seria mínimo, entretanto, o apelo popular não pode ser desconsiderado:

[...]as áreas mais afetadas pela greve – norte da Inglaterra, Escócia e País de Gales – já eram dominadas pelo Partido Trabalhista [...] [...]Londres, mais ao sul, quase não sentiu a crise. Mas nas áreas industriais, onde o desemprego era alto em vários setores, era comum encontrar cartazes e adesivos em carros que diziam “Dig Deep for the Miners”, algo como “até o fim com os mineiros”. O governo não cedeu. “Como a intenção de Thatcher era mesmo fechar as minas, a opção dos mineiros em não trabalhar acabava sendo um argumento a mais para isso”, diz Williams, da BBC (MIRANDA, 2005, tradução nossa).

Thatcher estava decidida a acabar com o sindicato. Miranda (2005) afirma que a Primeira-Ministra tomou diversas ações para enfraquecer o setor, dentre elas: deter o preço do carvão, aumentando as importações, sobretudo da Polônia (ficando em alguns momentos mais barato do que no começo da greve). O governo estadunidense também auxiliou sua parceira enviando cargas extras de carvão e petróleo. Reagan acompanhava de perto os acontecimentos, como mostra o autor através de um trecho de uma correspondência pessoal do líder estadunidense endereçada à Primeira-Ministra britânica: “Querida Margaret, nas últimas semanas tenho pensado muito em você, com grande solidariedade, enquanto acompanho as atividades dos sindicatos dos mineiros. [...] Estou confiante de que você e seu governo sairão bem dessa. Minhas afetuosas considerações, Ron”.

O autor finaliza afirmando que a maior parte dos mineiros das regiões mais afetadas pela greve foi demitida ou já havia desistido. Sendo assim, ao fim do inverno, o movimento estava esgotado e a vitória de Thatcher completa, deixando um enorme rombo aos cofres públicos e uma enorme perda ao mundo do trabalho.

Na ocasião da morte de Thatcher em 2013, quase 30 anos depois do encerramento da greve, diversas pessoas foram para as ruas protestar. O fato interessante sobre o ocorrido é que muitas dessas pessoas não vivenciaram o período retratado acima, ou para a classe que vivenciou a greve o ressentimento ainda existia mesmo depois de tanto tempo. Então, isso se torna algo de extremo interesse para entender os impactos causados pelo neoliberalismo de Thatcher, que perduram desde sua gestão até os dias atuais.

4.3 THATCHER E A BATALHA DE ORGREAVE

A disputa pela conquista da opinião pública teve como principal influenciador a imprensa, no qual se encontravam diversas acusações contra o governo e o sindicato. Para tanto, foi escolhido um jornal de impacto para esta análise, o The Guardian (em média). A presente sessão trata de analisar os artigos publicados do jornal no pós morte de Thatcher e como sua gestão foi caracterizada pelos intelectuais do mesmo, 30 anos depois do conflito com os mineiros.

A professora Tania Regina de Luca (2015) afirma que os jornais e revistas não são apenas um material elaborado de forma individual com visão unilateral, mas sim conforme destacado a seguir:

[...]jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (LUCA et al., 2015, p.40).

Jitka Denková (2016) destaca quais elementos devem ser considerados para analisar os veículos de opinião. De acordo com ela, a imprensa britânica é fortemente influenciada pela sociedade. O poder da imprensa se manifesta na conexão com a política, especialmente durante as eleições gerais, mas também tem impacto na criação de novas palavras, como o *guardianista*, a palavra usada na gíria britânica para um leitor de classe média do jornal The Guardian, tipicamente orientado à esquerda. A autora ainda diferencia os jornais britânicos em:

Os jornais britânicos são divididos em *broadsheet* e *tablóides*. A palavra *broadsheet* representa jornais sérios e de alta qualidade impressos em papel grande, como The Daily Telegraph, The Guardian e The Independent. As informações fornecidas em *broadsheets* contém notícias nacionais e estrangeiras e relatórios políticos. Por outro lado, os *tablóides* são impressos em papel menor do que as fichas. Notícias se concentram em focos de celebridades, histórias de interesse humano e tendências populares. Nessas circunstâncias, também é chamado de "imprensa popular". O *tablóide*

britânico mais popular é The Sun, seguido de The Daily Mail e The Daily Mirror (DENKOVÁ, 2016, p.7, tradução nossa).

A autora ainda salienta que os jornais de esquerda, como o The Guardian, apoiam as minorias, a igualdade de renda, educação gratuita, fácil acesso aos serviços de saúde e redistribuição de impostos. Já a imprensa de direita é caracterizada pelo reconhecimento da família tradicional, a promoção de impostos mais baixos e educação privada e políticas estrangeiras positivas em relação aos Estados Unidos da América. Em seguida, trataremos em especial sobre a batalha de Orgreave, considerada uma das batalhas mais controversas da gestão Thatcher.

Figura 1 - Batalha de Orgreave



Fonte: Mcphee (2009)

Entre os intelectuais que escreveram para o The Guardian sobre a batalha de Orgreave, encontramos David Conn, um famoso escritor do The Guardian que aborda principalmente as relações do dinheiro e esporte e política. Conn (2017) abordou em seu artigo a greve dos mineiros como a batalha “mais sangrenta e amotinada” do período Thatcher. No dia 18 de junho de 1984, os mineiros foram emboscados pela polícia de Thatcher no que foi conhecida como a Batalha de Orgreave, ficando conhecido como um episódio violento e de grande repercussão nos principais jornais. Nesse episódio, diversos casos de violência foram retratados e, de acordo com a polícia, os mineiros se rebelaram contra os oficiais os obrigando a se defender. "Os mineiros estavam defendendo seus meios de subsistência e comunidades contra os fechamentos dos poços e acreditamos que esta era uma operação planejada para esmagar a greve", disse Chris Kitchen, secretário-geral do NUM (National Union of Mineworkers).

Figura 2 - Mineiros sendo encurralados durante a batalha de Orgreave



Fonte: Conn (2017)

O autor ainda menciona que no dia do ocorrido, cerca de 8 mil mineiros reuniram-se para um piquete em massa chamado pelo NUM e seu então presidente, Arthur Scargill. A polícia do South Yorkshire afirma que 4.500 oficiais de diferentes forças em todo o país estavam lá para policiar. Na versão dos mineiros, os relatos são descritos com surpresa sobre a forma que a polícia agiu naquele dia. Diversos relatos de mineiros que sofreram abuso de autoridade foram relatados pelo autor, conforme encontrado a seguir:

"Eu fui atropelado por um cavalo", lembra Broomhead, agora com 55 anos, que trabalhou no metrô de Houghton Main perto de Barnsley. "Então um policial de escudo me atingiu e, enquanto eu estava me levando, o próximo me atacou. A polícia estava fora de controle, e ninguém nunca foi responsabilizado pelo que eles fizeram". Sufocando lesões físicas e trauma psicológico, Broomhead foi preso e acusado de motim; ele deveria ser tentado no segundo lote dos 95 mineiros perseguidos, até que ele foi absolvido quando o primeiro julgamento de 15 entrou em colapso. Um desses 15, Stefan Wysocki, agora com 62 anos, foi preso por supostamente atirar uma pedra, o que ele sempre negou. Ele diz que foi perfurado e chutado quando foi conduzido pelas fileiras dos policiais após sua prisão. Wysocki, preso em uma cela da polícia de Rotherham, foi informado naquela noite que ele seria acusado de tumulto. "Ainda não posso explicar como me senti", disse ele. "Foi inacreditável que isto acontecesse neste país. Foi extremamente estressante. Mas acreditamos que iríamos para a prisão porque queriam dar um exemplo[...]" (CONN, 2012, tradução nossa).

O autor afirma que no julgamento sobre os eventos desse dia, os mineiros foram acusados por lançar pedras contra a polícia. Todos os 15 mineiros foram absolvidos em 17 de julho de 1985, quando a acusação não ofereceu mais provas. No entanto, o chefe de polícia do caso, insistiu que a ação da polícia estava justificada. Os mineiros abriram processos por assalto, prisão injusta e acusação maliciosa, e em junho de 1991, a polícia do South Yorkshire pagou 425 mil libras esterlinas em danos.

A polícia do South Yorkshire nunca admitiu a responsabilidade, nenhuma investigação foi anunciada com nenhum oficial disciplinado por qualquer delito.

Ken Capstick é um ex-mineiro de carvão, ex-vice-presidente da união nacional de Yorkshire de mineiros e ex-editor do jornal NUM The Miner Capstick. Escreveu para o The Guardian alguns artigos, um deles chama atenção por se chamar: “Ao contrário de Margaret Thatcher, os mineiros acreditavam na sociedade” (tradução nossa). De acordo com ele, em 1984, a Grã-Bretanha tinha 186 minas de carvão e mais de 170 mil mineiros de carvão. Em 2013, esse número se torna apenas quatro minas de carvão e cerca de 2.000 mineiros. Ele afirma que os mineiros viviam em comunidades unidas e com base no emprego na mina de carvão local. Para ele, os mineiros acreditavam na sociedade, exatamente o oposto do que Margaret Thatcher acreditava. Dos vales de Gales até os confins da Escócia, os mineiros eram, em geral, socialistas por natureza, sendo assim, os sindicatos funcionavam como resistência às medidas neoliberais que Thatcher estava implantando. O autor também aponta que:

[...]o ataque de Thatcher era por vontade própria da mesma. Não tendo nada a ver com a economia, mas sim uma tentativa de destruir a União Nacional de Trabalhadores Mineiros, eliminando toda a indústria. Thatcher expôs as bordas afiadas da divisão de classes na Grã-Bretanha e a greve de 1984/5 foi tanto um choque de valores como se tratava de fechamentos de poços. Arthur Scargill e os mineiros representaram a única oposição a primeira ministra e seus valores destrutivos e divisivos e, após a greve, o caminho estava aberto para as políticas neoliberais mais agressivas. Thatcher e Reagan continuaram a facilitar uma transferência colossal do dinheiro dos pobres para os ricos, levando ao acidente econômico mundial que agora testemunhamos. Thatcher era uma mulher divisória que criava discórdia e não harmonia (CAPSTICK, 2013, tradução nossa).

Ann Czernik é jornalista e fotógrafa freelancer A autora se concentra em questões sociais e ativismo. Czernik (2013) entrevistou Ken Radford, um ex-mineiro que estava na Batalha de Orgreave. Em sua matéria, Ken fala depois de trinta anos sobre os que a gestão Thatcher causou em sua vida e de seus colegas. Ken afirma: “É muito difícil, muito doloroso, ainda está recente”. Para ele, Orgreave traz de volta emoções misturadas. Ele fez bons amigos, boas lembranças; Ele apertou a mão de Arthur Scargill. Mas ele diz: "O que os bastardos fizeram para nós, é doloroso. Isso realmente é profundo". Quanto ao legado de Thatcher, ele diz:

"Meu rapaz está sem trabalho. Ele tem 25 anos, ele teve três, talvez quatro anos de trabalho nos últimos nove anos. Ele é um bom rapaz. Thatcher o destruiu ...Thatcher nos tomou tudo, nossa esperança, tudo. Apenas por seu próprio orgulho" (CZERNIK, 2013, tradução nossa).

Figura 3 - Rapaz ferido durante a Batalha de Orgreave



Fonte: Pidd; Conn, (2013)

Helen Pidd é a editora norte-americana do The Guardian, com sede em Manchester. Juntamente com David Conn escreveu uma matéria em que abordou o sentimento dos mineiros sobre a morte de Margaret Thatcher. Nela os autores entrevistaram Pete Mansell, que disparou as seguintes afirmações: “Vou te dizer o que realmente nos irritou, ela disse que nós éramos o inimigo de dentro. Nós não éramos. Nós estávamos cuidando nossas vidas, de nossas famílias, nossos filhos e nossas propriedades, tudo o que nos era de direito” (tradução nossa). “Eu não sou um hipócrita”, disse Mansell, que trabalhou no subsolo durante 22 anos. “Falei mal dela quando estava viva e eu vou falar mal dela agora que está morta”. Ainda na ocasião da morte da Baronesa foram feitas diversas chacotas, conforme destacadas a seguir:

Whitley disse que estava pensando em imprimir uma t-shirt dizendo "Thatcher está no inferno - ela só esteve lá algumas horas e já deve ter fechado os fornos". Ao longo do dia várias frases como essa surgiram nas redes sociais, um exemplo típico: "Se alguém me perguntar qual foi o meu acidente vascular cerebral favorito, eu diria que Maggie Thatcher" (PIDD; CONN, 2013).

Depois de tantos anos após a greve, a classe trabalhadora, em especial os mineiros, sofrem com essa ferida aberta deixada pela imposição de duras medidas de cunho neoliberal. O posicionamento conservador da Primeira-Ministra levou a perda de diversos direitos e empregos que afetaram não somente os mineiros, mas milhares de famílias britânicas. Na próxima sessão foi abordado o legado deixado por Thatcher.

4.4 O LEGADO DE MARGARET THATCHER PARA A SOCIEDADE BRITÂNICA E PARA O MUNDO

Com a morte de Margaret Thatcher, em abril de 2013, diversas opiniões sobre sua pessoa e gestão foram levantadas. Com o intuito de entender o legado deixado pela Primeira-Ministra, foram analisados textos de intelectuais que escreveram para o *The Guardian* que abordaram sobre seu período frente ao governo, bem como suas ações. As comemorações e luto realizados no momento de sua morte levantam questões sobre quem realmente foi Thatcher para a população.

Glenn Greenwald (2013) salientou que a morte de uma figura pública é algo perigoso. Que é apropriado falar de uma pessoa privada quando ela morre, mas é extremamente inapropriado para a morte de uma figura pública controversa, em especial aquela que exerceu influência significativa e poder político. "Respeitar o sofrimento" dos membros da família de Thatcher é apropriado se alguém é amigo próximo da família, mas quando se trata de discurso público sobre a vida e os atos políticos da pessoa isso é algo totalmente diferente. Já Polly Toynbee (2013) escreveu sobre a importância de respeitar a morte da Baronesa, especialmente no dia do acontecido, conforme a mesma afirma: "Espero que todos os defensores trabalhistas respondam com dignidade e respeito às notícias da morte da Baronesa Thatcher" (tradução nossa). A morte de Thatcher foi motivo de comemoração para muitos e luto para tanto outros diversas charges e fotos de pessoas nas ruas circularam nos principais meios de comunicação, conforme mostrado abaixo:

Figura 3 - "Por que esse túmulo ainda está aberto?"



Fonte: Young et al (2013)

De acordo com Moraes (2013), muitas são as formas de avaliar o sucesso de um governante. As medidas econômicas de Thatcher foram imitadas em diversos países, inclusive no Brasil, sobretudo em reformas econômicas, estatais e de serviços públicos. Muitos desses adeptos do Thatcherismo iriam se arrepender mais tarde de ter “vestido a camisa de um neodesenvolvimentismo” e para o autor talvez esse seja um dos maiores legados de Madame Thatcher. Como o próprio afirma: “tem quem goste”. Entretanto, salienta-se que o neoliberalismo conquistou algumas vitórias, entre elas:

[...]desmanchar em grande medida o Estado de bem-estar social e enfraquecer brutalmente os sindicatos, por meio da liberalização legal e policial do mercado de trabalho e da extensão do desemprego e do emprego precário, desregulamentado, flexível (MORAES, 2013, p.25).

É necessário avaliar os critérios para medir os sucessos e os fracassos do neoliberalismo. Ainda na opinião do autor, o neoliberalismo pode não ter fracassado, muito menos morrido. Sobre a morte de Thatcher, o mesmo menciona as divergências de opinião sobre sua figura na mídia:

A mídia conservadora certamente providenciará lamúrias sobre a morte da Dama de Ferro – afinal, como diz a tradição popular, de morto não se fala mal. Outros dirão que é melhor que ela tenha deixado o mundo. São apenas mudanças na ordem das palavras. Mas refletem de que lado estamos (MORAES, 2013, p.28)

Toynbee (2013) sugere que Thatcher foi uma das políticas mais importantes e influentes de todos os tempos. Mudando o curso da política britânica e sendo além de uma figura política controversa reconhecida por marcar sua imagem pessoal na nação, de modo que o Reino Unido antes e depois de Thatcher eram dois países diferentes. Antes orientado por uma tradição européia social-democrática, depois de Thatcher, o país tinha remado a meio caminho do Atlântico. Outro aspecto fortemente questionado em seu governo foi seu posicionamento extremamente conservador. Embora Thatcher fosse mulher, pouco ligava para a corrente feminista ou tampouco queria angariar mulheres em seu partido. McEwan (2013) aponta o posicionamento das feministas que não aceitavam a mesma como uma irmã do movimento, mas somente como uma mulher. De fato, a oposição de Thatcher sempre comentou a forma que ela monetizava o dinheiro e o valor humano, dando pouca importância aos coletivismos sociais.

Figura 4 - “She became harder than hard” Capa do The Guardian na ocasião de sua morte



Fonte: Sparrow (2013)

Russell Brand é um apresentador de televisão, comediante e ator. Nasceu em Grays, no Reino Unido. Escreveu para o *The Guardian* sobre a morte e opinião pessoal sobre Thatcher. Em suas palavras: “Pensando nisso agora, quando eu era criança, ela era apenas uma mulher rigorosa dizendo a todos o que queria. Não sabia o que pensar dessa mulher temível” (tradução nossa). Brand ainda dispara a seguinte afirmação sobre Thatcher:

“Sempre me pareceu tão peculiar, quando as Spice Girls defenderam brevemente Thatcher como um exemplo inicial de poder das meninas. Não vejo isso. Ela é uma anomalia; um produto da monstruosidade de seu tempo. Barack Obama, curiosamente, disse em sua declaração de que “quebrou o teto de vidro para outras mulheres”. Somente no sentido de que todas as mulheres embaixo dela estavam cegas pela queda de fragmentos. Ela é um ícone do individualismo, não do feminismo” (BRAND, 2013, nossa tradução).

Hadley Freeman escritora e colunista do *The Guardian* aborda a questão do legado de Thatcher para as mulheres. Em sua matéria, ela fala de como nem sempre as mulheres são boas uma para as outras, sendo gênero muitas vezes algo ínfimo quando comparado aos princípios de uma pessoa. A autora ainda salienta que uma mulher bem-sucedida não é sinônimo de feminista. No dia em que Thatcher morreu, o Daily Mail correu uma peça alegando que Coco Chanel "era uma feminista antes que a palavra existisse", sendo que a palavra "feminista" surgiu em 1895, confortavelmente na vida de Chanel, a mulher que valorizava a feminilidade acima de todas as outras qualidades. Chanel foi uma mulher fortemente envolvida com os nazistas, não podendo, portanto, em nenhuma circunstância, ser descrita como feminista. Sobre Thatcher, Freeman dispara:

Thatcher, chamá-la para ser mulher parece ser uma bala desperdiçada. No entanto, apesar das tentativas de alguns colunistas de reivindicarem o contrário, Thatcher não pode ser visto como "uma guerreira na guerra do sexo", e muito menos como "a libber feminina final". Longe de "esmagar o teto de vidro", ela era a aberração, aquele que passou e depois puxou a escada logo após ela (FREEMAN,2013, tradução nossa).

A autora prova seu ponto, pois durante 11 anos frente ao poder, Thatcher só promoveu somente uma mulher para seu gabinete. E conclui que Thatcher é um dos exemplos mais claros do fato de que uma mulher bem-sucedida nem sempre significa um passo em frente para as mulheres.

Richard G Wilkinson é um pesquisador britânico em desigualdades sociais na saúde e os determinantes sociais da saúde, já Kate Pickett é professora de epidemiologia da Universidade de York e cientista da National Institute for Health Research. Ela co-fundou o Equality Trust, uma organização sem fins lucrativos que procura explicar os benefícios de uma sociedade mais igualitária e juntamente com Wilkinson escreveu "The Spirit Level: porque mais sociedades iguais praticamente sempre fazem melhor". Os autores se juntaram para comentar o legado de Thatcher para o *The Guardian*. Segundo eles, o mais importante legado de longo prazo de Thatcher seja o enorme aumento na desigualdade que ela causou. O alargamento das diferenças de renda entre ricos e pobres que aconteceu nos anos 80 é o mais rápido já registrado. A proporção de crianças que vivem em pobreza relativa mais do que duplicou nos anos 80 e o dano nunca foi desfeito. Muitos dos efeitos da desigualdade têm longos períodos de paralisação. Sobre a relação de Thatcher com os mineiros os autores ressaltam que:

A fraqueza do poder dos sindicatos não só era essencial para o seu projeto, mas vários estudos sugerem que sua fraqueza contínua pode ser uma parte importante da razão pela qual a desigualdade não diminuiu nas décadas que se passaram. Estudos internacionais de países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico) sugerem uma estreita relação entre o declínio da adesão sindical e o aumento da desigualdade. A partir de um pico de 13 milhões em 1979, a adesão sindical havia diminuído em 30% até 1990 e agora não é muito mais da metade do que era. Em um mundo em que a maioria das cabeças de fala dos meios de comunicação vêm dos poucos percentuais de pessoas com rendimentos, os sindicatos não só são importantes na negociação salarial, mas também fornecem algumas das poucas vozes bem informadas cujo trabalho é falar em nome dos menos bem pagos (WILKINSON; PICKETT, 2013).

Analisado o período pós morte de Thatcher pelos intelectuais do *The Guardian*, bem como seu legado, se chegou a um consenso entre as ideias expostas que Thatcher não fez bem tanto à classe trabalhadora e tampouco à sociedade, na verdade, ela fez o que alguns autores pontuaram como desserviço. Na próxima e última sessão, será concluída esta monografia, constando ali os principais resultados e apontamentos para futuras pesquisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a formação do Neoliberalismo é algo indispensável. As raízes liberais trazidas até o século XX sofreram diversas mudanças para se tornar o Neoliberalismo que existe hoje. O projeto Liberal teve como projeto a mundialização do capitalismo, fato consumado a partir do fim da Guerra Fria. O Estado liberal se manteve presente pela maior parte do tempo, entretanto, a crise de 1929 trouxe consigo a necessidade de o Estado intervir para regular o mercado e estabilizar as questões sociais, surge então o Estado como regulador econômico (Estado de Bem-Estar).

Para analisar essas mudanças, fez-se o debate entre o Estado de Bem-Estar e o sistema neoliberal, comparando também os principais modelos de produção. Os modelos de produção se originam com a necessidade em produzir em grande escala, quando as empresas começaram a produzir de forma acelerada sem se preocupar com estrutura ou condições de trabalho, se atribui o que ficou conhecido como Taylorismo. A produção automobilística explode como principal percussora de inovações tecnológicas, mas como todo modelo teve um antecessor e um sucessor, o Fordismo não seria diferente. Devido ao grande número de mão-de-obra desqualificada e salários não tão ruins, o modelo entrou em crise, dando abertura ao que seria o plano de fundo para ideologia neoliberal, o Toyotismo. O entendimento da figura de Margaret Thatcher e sua ascensão como Primeira-Ministra se torna necessário. Para tanto, foi analisado sua vida pré e pós inserção política, com o intuito de entender sua visão conservadora. Assim como Thatcher, o governo do presidente estadunidense Ronald Reagan também foi analisado, de forma a entender como esses dois chefes de Estado se relacionaram para o que ficou conhecido como projeto hegemônico de expansão neoliberal, fato que marca o processo de globalização nos dias atuais.

O governo Thatcher ficou marcado por diversas situações controversas. Em geral, sua gestão ficou conhecida pela flexibilização dos direitos e leis trabalhistas, bem como a diminuição da intervenção estatal. Os reflexos de seus mandatos podem ser vistos na sociedade britânica até os dias atuais. É nesse sentimento de uma ferida não cicatrizada que se concentra um dos principais objetivos desse trabalho, entender a opinião da imprensa britânica através do jornal *The Guardian* sobre os principais conflitos de Thatcher com o mundo do trabalho e o legado deixado por Thatcher. Ainda

perdura nos corações da classe trabalhadora, em especial dos mineiros, que sofreram a perseverança de Thatcher em acabar com os sindicatos, o sofrimento deixado em suas vidas. Dentro os conflitos de sua gestão, escolhi abordar a Greve dos Mineiros, em especial a Batalha de Orgreave, uma batalha sangrenta entre mineiros e policiais. Após a morte de Thatcher, intelectuais do *The Guardian* escreverem uma série de trabalhos abordando o quão horrível a Primeira-Ministra foi em relação ao mundo do trabalho. Dentre essas matérias, foi captada a visão dos próprios mineiros sobre os eventos relacionados a greve. O mundo do trabalho sofreu terrivelmente na gestão tratada. O pós morte de Thatcher levantou opiniões diversas e uma série de protestos pró e contra a Baronesa. O tema se mostra importante para o entendimento dos impactos causados em sua gestão perduram por quase quarenta anos. O expansionismo neoliberal se mostrou um projeto hegemônico apresentado pelas duas grandes potências capitalistas da época, o Reino Unido e os Estados Unidos da América, e o que vimos foi o alastramento dessa vertente para outros países. Para futuros estudos, pode-se analisar o impacto dos percursores neoliberais sobre países como Brasil e de que maneira a imprensa se posiciona frente a estas questões. A análise desse objeto de estudo trouxe grande conhecimento e instigou curiosidade sobre como o mundo do trabalho sofreu e sofre com as medidas estabelecidas a partir do ideário neoliberal, e com isso, percebi que isso não é algo benéfico para a sociedade, em especial para as classes menos favorecidas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva: Ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Praxis, 2007. 290 p.
- ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015. 160 p.
- ANDERSON, Perry. **Balanço do Neoliberalismo** in: SADER, Emir & GENTILI, Pablo. Pós neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ARAUJO, João Paulo Santos. **A influência do Toyotismo na reestruturação do sistema capitalista: uma análise Gramsciana**. Universitas: Relações Internacionais, Brasília, v. 2, n. 7, p.35-56, jun. 2009.
- ARDENGI, Luciana Borella Camara; SILVA, Queli Cristiane Schiefelbein da; BURMANN, Tatiane Kessler. **O Novo Capitalismo Pós-Segunda Guerra Mundial: entre o Liberalismo e o Neoliberalismo**. Revista Direitos Humanos e Democracia, Rio Grande do Sul, v. 2, p.248-270, jul. 2014.
- BANDERA, Vinicius. **Construção da ordem internacional capitalista do Pós-II Guerra: ascensão e queda de Bretton Woods**. Universitas Relações Internacionais, Brasília, v. 12, p.13-26, jan. 2014.
- BATISTA, Erika. **Fordismo, Taylorismo e Toyotismo: apontamentos sobre suas rupturas e continuidades**. In: V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina, 2014, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, p. 1 - 12.
- BOITO JUNIOR, Armando. **Estado e Burguesia no Capitalismo Neoliberal**. Curitiba, jun. 2007.
- BRAND, Russell. Russell Brand on Margaret Thatcher: I always felt sorry for her children. **The Guardian**. Londres. 09 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2013/apr/09/russell-brand-margaret-thatcher>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- CAPSTICK, Ken. Unlike Margaret Thatcher, miners believed in society. **The Guardian**. Londres. 9 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/apr/09/margaret-thatcher-miners-society>>. Acesso em: 28 out. 2017.
- CARUCCIO, Rafael. **As condições do surgimento do neoliberalismo na Grã-Bretanha (1974-1985)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília: FUNAG, 2012. 580 p

CEREGATTI, Alessandra et al. **Feminismo em marcha para mudar o mundo: trajetórias, alternativas e práticas das mulheres em movimento**. São Paulo: Sof Sempreviva Organização Feminista, 2015. 90 p.

CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER-KOUCHNER, Évelyne. **História das idéias políticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 399 p.

CONN, David. Miners' strike: how the bloodiest battle became the 'biggest frame-up'. **The Guardian**. Londres. 22 nov. 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2012/nov/22/miners-strike-orgreave-bloodiest-battle>>. Acesso em: 30 out. 2017.

CONN, David. **The Scandal of Orgreave**. The Guardian, 18 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2017/may/18/scandal-of-orgreave-miners-strike-hillsborough-theresa-may>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

CORTEZ, Ana Claudia Salgado; CARVALHO, Carlos Eduardo; CUNHA, Patrícia Helena Fernandes. **O período de 1981 a 1985 do governo Reagan e o processo de consolidação dos EUA como principal potência mundial**. In: XI Congresso Brasileiro de História Econômica, 11. Vitória:UFES, 2015. p. 1 - 33.

COZENDEY, Carlos Márcio B. **Instituições de Bretton Woods**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013. 181 p.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.

CZERNIK, Ann. Margaret Thatcher wanted to crush the miners. That's all she wanted. **The Guardian**. Londres, 17 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2013/apr/17/margaret-thatcher-funeral-miners-strike>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

DAL RI JUNIOR, Arno e CASTRO, Alexander de. **Iluminismo e Absolutismo no Modelo Jurídico-Penal de Cesare Beccaria**. Florianópolis: Revista Sequência, v. 57, 0 dez. 2008.

DENKOVÁ, Jitka. **The Depiction of Margaret Thatcher in the British Press**. 2016. 72 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Fakulta Filozofická, ZÁpadoČeskÁ Univerzita V Plzni, Plzeň, 2016. Disponível em: <https://otik.uk.zcu.cz/bitstream/11025/22854/1/BP_Denkova.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2017.

FORIGO, Marlus Vinicius. **CRISE DO ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL E NEOLIBERALISMO**. Relações Internacionais no Mundo Atual, Curitiba, v. 3, p.51-62, 2003.

FREEMAN, Hadley. Margaret Thatcher was no Feminist. **The Guardian**. Londres. 09 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/apr/09/margaret-thatcher-no-feminist>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GREENWALD, Glenn. Margaret Thatcher's legacy: roundup of the best writing. **The Guardian**. Londres. 11 abr. 2013. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/politics/interactive/2013/apr/11/margaret-thatcher-legacy-best-writing#hugo-young>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

HARVEY, David. **O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011. 235 p.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 600 p.

LEAL, Elisabeth Juchem Machado. **Produção Acadêmico-Científica: A Pesquisa e o Ensaio**. 7. ed. Itajaí: UNIVALI, 2011. 133 p.

LOBO, Carlos Eduardo Riberi; CORTEZ, Ana Claudia Salgado. **O Programa “Guerra nas Estrelas” e o governo Reagan**. Cadus: Revista de História, São Paulo, v. 1, n. 1, p.39-50, jun. 2015.

LUCA, Tania Regina de et al. História dos, nos meios e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al. **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 111-153.

Margaret Thatcher dies: news and reaction. **The Guardian**, 09 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/blog/2013/apr/08/miliband-clegg-local-elections-cameron-madrid>>. Acesso em: 31 out.2017

MARGARET THATCHER FOUNDATION. 2017. Disponível em:

<<http://www.margaretthatcher.org/>>. Acesso em: 30 set. 2017.

MCEWAN, Ian. Margaret Thatcher: we disliked her and we loved it. **The Guardian**, 09 abr. 2013. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/politics/2013/apr/09/margaret-thatcher-ian-mcewan>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

MCPHEE, Don. The Battle of Orgreave: police v the miners. **The Guardian**, 24 feb. 2009. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk/gallery/2009/feb/23/don-mcphee-miner-strike-photography>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

MELLO FILHO, Marcelo Soares Bandeira de. **A ECONOMIA POLÍTICA DO GOVERNO REAGAN: ESTADO NEOLIBERAL, TRIBUTAÇÃO E GASTO PÚBLICO FEDERAL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA ENTRE 1981 E 1988**. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MELLO, Prudente José Silveira. Globalização e Reestruturação Produtiva do Fordismo ao Toyotismo. In: ARRUDA JUNIOR, Edmundo Lima de; RAMOS, Alexandre. **Globalização, Neoliberalismo e o Mundo do Trabalho**. Curitiba: Ibej, 1998. Cap. 18. p. 271-283.

MELLO, Vico Denis S. de; DONATO, Manuella Riane A. **O Pensamento Iluminista e o desencantamento do mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático**. Revista Crítica Histórica, Alagoas, v., p.248-264, dez. 2011.

MIRANDA, Celso. Greve: A ferro e carvão. **Veja - Guia do Estudante: Aventuras na História para viajar no tempo**. São Paulo. 1 out. 2005. Disponível em: <<http://origin.guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/greve-ferro-carvao-434346.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2017.

MORAES, Reginaldo C. Corrêa de. **Liberalismo e Neoliberalismo: - uma introdução comparativa**. Campinas: IFCH - UNICAMP, 1997. 15 p

MORAES, Reginaldo C. **O legado de Margaret Thatcher**. Conjuntura Internacional, Minas Gerais, v. 10, n. 3, p.19-29. 2013.

OLIVEIRA, Giuliano Contento de; MAIA, Geraldo; MARIANO, Jefferson. **O Sistema de Bretton Woods e a dinâmica do Sistema Monetário Internacional Contemporâneo**. Pesquisa & Debate, São Paulo, v. 19, n. 2, p.195-219, 12 fev. 2008.

PASSOS, Dante Flávio Oliveira. **O “Taylorismo” e as relações com o processo de certificação**. In: XXV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2005, Porto Alegre: ABEPRO PUC-RS, 2005. p. 1497 - 1504.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às Relações Internacionais: Temas, atores e visões**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 246 p.

PECIAR, Paola Luciana Rodriguez. **A Educação Superior Universitária frente aos desafios das mudanças do Mundo do Trabalho no contexto do Neoliberalismo**. 2009.

PERKINS, Anne. Margaret Thatcher obituary. **The Guardian**. Londres. 8 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2013/apr/08/margaret-thatcher-political-phenomenon-dies>>. Acesso em: 29 out. 2017.

PIANA, Maria Cristina. **A construção da pesquisa documental: avanços e desafios na atuação do serviço social no campo educacional**. São Paulo: Unesp, 2009. 233 p.

PIDD, Helen; CONN, David. Margaret Thatcher's death greeted with little sympathy by Orgreave veterans. **The Guardian**. Londres. 08 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2013/apr/08/margaret-thatcher-death-orgreave-coal-miners>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

RECOARO, Deise. **Margaret Thatcher e as mulheres**. 2013. Disponível em: <<http://www.contrafcut.org.br/noticias/artigo-de-deise-recoaro-margaret-thatcher-e-as-mulheres-2bd1>>. Acesso em: 09 abr. 2013.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. **Taylorismo, Fordismo e Toyotismo**. 2015. 15 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ROCHA, Luciano Daudt da. **Professores e gestão escolar no contexto da reforma do ensino médio: gerenciamento estatal da educação e a precarização do trabalho docente em Santa Catarina**. 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, UFSC, Florianópolis, 2006.

ROSA, Mariza Andrade Macedo. **Fordismo, Pós-Fordismo e Educação**. Revista de Políticas Públicas, Maranhão, v. 1, n. 1, p.141-172, jan. 2015.

SANTOS, Marcelo. **A SUPREMACIA DOS EUA NO PÓS-GUERRA FRIA**. Perspectivas, São Paulo, v. 29, n. 1, p.37-66, jun. 2006.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. 372 p.

SHIROMA, Eneida Oto. **Mudança Tecnológica, Qualificação e Políticas de Gestão: A educação da força de trabalho no modelo japonês**. 1993. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

SILVA JÚNIOR, Ary Ramos da. **Neoliberalismo e Corrupção: análise comparativa dos ajustes neoliberais no Brasil de Fernando Collor (1990-1992) e no México de Carlos Salinas (1988- 1992): O incremento da corrupção e seus custos sociais**. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências e Letras, Unesp - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 139 p.

SILVA, Karine de Souza. **Integração Regional e Exclusão na América Latina**. 2. ed. Curitiba: Juruá Editora, 2009. 173 p.

SMITH, Kyle. No way to treat a lady. **New York Post**, 1 jan. 2012. Disponível em: <<http://nypost.com/2012/01/01/no-way-to-treat-a-lady/>>. Acesso em: 01 jan. 2012.

SPARROW, Andrew. Margaret Thatcher dies: news and reaction. **The Guardian**. Londres. 08 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/blog/2013/apr/08/miliband-clegg-local-elections-cameron-madrid>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 1995. 103 p.

The Battle of Orgreave: Police V the Miners. **The Guardian**, 24 fev. 2009. Disponível em <<https://www.theguardian.com/uk/gallery/2009/feb/23/don-mcphée-miner-strike-photography>>. Acesso em: 31 out 2017.

The Scandal of Orgreave. **The Guardian**, 18 mai. 2017. Disponível em:<<https://www.theguardian.com/politics/2017/may/18/scandal-of-orgreave-miners-strike-hillsborough-theresa-may>>. Acesso em: 31 out.2017

TONIAL, Marcos Paulo. **A POLÍTICA EXTERNA DE REAGAN E A REDEMOCRATIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA (1981-1988)**. 2003. 145 f. Monografia (Especialização) - Curso de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

TOYNBEE, Polly. Margaret Thatcher's legacy: roundup of the best writing. **The Guardian**. Londres. 11 abr. 2013. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/politics/interactive/2013/apr/11/margaret-thatcher-legacy-best-writing#hugo-young>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

VÁRNAGY, Tomás. **O pensamento político de John Locke e o surgimento do liberalismo**. Buenos Aires: CLACSO/DCP-FFLCH-USP, 2006. p. 45-79.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. 142 p.

WILKINSON, Richard; PICKETT, Kate. Margaret Thatcher made Britain a less, not more, desirable place to do business. **The Guardian**. Londres. 10 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/apr/10/inequality-margaret-thatcher-britain-desirable-business>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

WOOD JUNIOR, Thomaz. **Fordismo, Toyotismo e Volvismo: “Os Caminhos Da Indústria Em Busca Do Tempo Perdido”**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 4, n. 32, p.6-18, Set/Out,1992.

YOUNG, Hugo et al. Margaret Thatcher's legacy: roundup of the best writing. **The Guardian**. Londres, 11 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/interactive/2013/apr/11/margaret-thatcher-legacy-best-writing#hugo-young>>. Acesso em: 07 nov. 2017.